

REFORMADOR

Revista de Espiritismo Cristão

Fundada em 21-1-1883 por

Augusto Elias da Silva

Ano 119 / Março, 2001 / Nº 2.064

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

Deus, Cristo e Caridade

Direção e Redação
Rua Souza Valente, 17
20941-040 Rio RJ Brasil



www.febrasil.org.br
feb@febrasil.org.br

Editorial – O Codificador

Fraternidade e Solidariedade — Juvanir Borges de Souza

Agora é o Dia — José Tatagiba

O Holocausto Maior — Rogério Coelho

O Barulho da Verdade — Richard Simonetti

O 31 de Março nos Fastos do Espiritismo — Inaldo Lacerda Lima

Allan Kardec — Mário Frigéri

A Instituição Espírita no 3º Milênio — Gérson Simões Monteiro

Reverenciando Kardec — Emmanuel

Esflorando o Evangelho — Ante a Lição — Emmanuel

O Espiritismo Demonstra a Verdade de Algumas Heresias — Washington Luiz N. Fernandes

Com Carinho — Letícia

A FEB e o Esperanto – Os Custos da Multiplicidade Lingüística — Affonso Soares

Para Além da Forma — Honório de Abreu

Dagoberto da Costa Guimarães

A Busca pela Natureza Intrínseca da Matéria — Gustavo Henrique Novaes Rodrigues

Kardec, Obrigado! — Irmão X

Reflexões sobre o Adultério — Dalva Silva Souza

Traços Físicos e Morais de Kardec

A Imposição da Fé — Robinson Soares Pereira

A Parábola do Rico e Lázaro à Luz da Doutrina Espírita — Jorge Campos

ENCOESP – 1º Encontro Espírita

Seara Espírita

Assinatura de Reformador - Edição Impressa

Seja Sócio da FEB

Nota: A capa deste mês é dedicada a Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo, cuja personalidade conquistou o reconhecimento, a gratidão e a admiração de milhões de seres humanos que se beneficiam continuamente do que realizou como o grande missionário da Terceira Revelação, conforme ressalta nosso Editorial. Allan Kardec – Professor Hippolyte Léon Denizard Rivail – desencarnou em 31 de março de 1869. Seu túmulo (detalhe na capa), sempre coberto de flores naturais, é o que mais atrai a atenção dos visitantes do Cemitério do Père-Lachaise, em Paris.

Editorial

O Codificador

A vida e a obra de Allan Kardec, o sistematizador da Doutrina Espírita, foram objeto de profundas pesquisas de seus biógrafos, em trabalhos notáveis, na França e no Brasil.

Sua personalidade conquistou o reconhecimento, a gratidão e a admiração de milhões de seres humanos que se beneficiam continuamente do que realizou como o grande missionário da Terceira Revelação.

Têm os espíritas plena consciência de que a Nova Luz procede da Espiritualidade Superior, com o Cristo de Deus à frente de uma plêiade de Espíritos escolhidos para dar cumprimento à vinda do Consolador prometido por Jesus.

Mas sabem também que a corporificação, no mundo dos homens, do plano da Espiritualidade Superior exigia um mediador humano, um trabalhador com excepcionais qualidades para a missão de grande responsabilidade, que se caracterizasse também pela fidelidade ao compromisso.

O Professor Rivail – Allan Kardec – foi esse mediano fiel.

Interpretar para um mundo inferior, num corpo doutrinário coerente, extremamente abrangente, como é a Doutrina Espírita, que vem inovar, renovar e implantar conhecimentos novos que contrariam velhas e arraigadas concepções religiosas e filosóficas sobre Deus, o Universo e o homem – eis, resumidamente, a tarefa gigantesca aceita e executada pelo Codificador.

Acresce que o objetivo da missão, por sua natureza, não poderia ser imposto, através dos poderes instituídos pelos homens.

Trabalho essencialmente de esclarecimento, de concepções novas, de conhecimento íntimo de cada ser, teria que se desenvolver junto das almas, demandando de seu responsável preparo intelectual, método apropriado, segurança nas convicções, repulsa tanto à ingenuidade quanto à credulidade, numa palavra – o bom senso, imperando em todas as circunstâncias.

O Codificador reconstruiu, assim, o edifício da crença baseada na realidade, oferecendo à civilização atual bases morais e religiosas fundamentadas e seguras, com fulcro na Fé iluminada pela Razão, no Amor da criatura ao Criador acima de tudo e ao seu próximo como a si mesma.

Allan Kardec, na grandeza de sua missão bem cumprida, iniciou a Era Espírita-Cristã, que poderá atingir todos os quadrantes deste Planeta com a Luz do Consolador.

●

Fraternidade e Solidariedade

JUVANIR BORGES DE SOUZA

Atravessamos milênios em que nossas vidas têm sido caracterizadas pelas sombras do egoísmo e do orgulho.

A luz do amor e da fraternidade ainda não conseguiu expulsar as sombras da inferioridade resumida naquelas duas viciações da alma humana.

As religiões tradicionais trazem em seu bojo um núcleo de ensinamentos que visam à melhoria moral do ser humano, combatendo-lhe o egoísmo e o orgulho.

Entretanto, em todas elas, interesses humanos derivados de suas inferioridades têm neutralizado a transformação íntima do homem, para melhor, fazendo prevalecer o interesse imediato, as exterioridades, as imposições, as representações, a materialidade enfim, em detrimento dos valores iluminativos.

Dentre os grandes missionários que vieram à Terra, em todos os tempos, trazendo conhecimentos novos e impulsionando a evolução do homem sob o aspecto moral, destaca-se o Cristo de Deus, Governador Espiritual deste Orbe, pela sua superioridade manifesta, pela síntese maravilhosa dos ensinamentos que trouxe, pela promessa que fez e que cumpriu, de complementar e aclarar o que os homens não puderam entender em sua Mensagem.

A Grande Revelação Cristã abrange não somente os ensinamentos e exemplificações do Mestre, em sua passagem pela Terra, mas também as verdades anteriormente reveladas por seus emissários, por Ele sancionadas, e as complementações do Consolador, identificado na Doutrina dos Espíritos.

Apesar dessa assistência multimilenar, permanente, que procura oferecer às Humanidades de todas as épocas as noções essenciais sobre o Criador, sobre toda a sua criação, inclusive as criaturas humanas habitantes desta Casa do Pai, nós, os beneficiários da Bondade, da Solicitude e da Misericórdia Divinas ainda permanecemos em estágio inferior de adiantamento espiritual.

Estagiaremos na inferioridade de um mundo de expiações e de provas enquanto não compreendermos e vivenciarmos o verdadeiro sentido da Grande Mensagem de há 2000 anos, revitalizada e revivida no Consolador.

No início do 3º milênio da Era Cristã a Humanidade encontra-se dividida por interesses grupais, nacionais, raciais, religiosos, nos quais estão presentes o orgulho e o egoísmo.

São eles os geradores e alimentadores das incompreensões, das discórdias, da agressividade, da intolerância, mesmo entre as religiões, que deveriam alimentar a fraternidade e a solidariedade, que estão no núcleo de todas elas.

As interpretações equivocadas, a serviço dos interesses pessoais e grupais, os dogmas impróprios, transformados em verdades indiscutíveis, a substituição do sentimento íntimo do Amor pelos cultos e atitudes exteriores levam ao divisionismo, às disputas, às guerras, à violência multiforme, impossibilitando a vivência do ensino do Cristo como o mandamento maior: Amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo.

Não há nenhuma regra, lição, lei ou ensino que supere essa síntese, fácil de assimilar, ao alcance de todas as inteligências, mas de difícil vivência diante da incapacidade individual que agasalha o egoísmo, o orgulho e seus conseqüências.

...

Nosso mundo, na sua marcha evolutiva, precisa, sem dúvida, do aprimoramento da inteligência; das pesquisas científicas que vão desbravando os segredos das leis da Natureza; do aprimoramento tecnológico que facilita as atividades humanas nos seus múltiplos aspectos da produção e distribuição de bens materiais e intelectuais; da substituição das leis iníquas por outras mais justas; de governos honestos e realizadores do bem dos governados; da distribuição da justiça, capaz de sustentar a ordem e a confiança das massas, sem privilégios de classes sociais; de escolas de todos os níveis para o aprimoramento do intelecto; de hospitais e trabalhadores da saúde para o atendimento de toda a população, na hora da doença; do combate à miséria, à pobreza extrema; da sustentação da ordem e da disciplina, para que não prevaleçam os maus.

Entretanto, todo trabalho e todo esforço humano, toda organização, por mais perfeita que pretenda ser, necessitam da luz superior do amor, da fraternidade, da solidariedade, da caridade, para que se sustentem, não se limitem a ilusões destruídas pelo egoísmo ou pelo orgulho.

Por isso é que o Cristo deu preeminência ao ensino moral, à construção do reino de Deus no íntimo do ser, à transformação do homem velho em criatura renovada por seu esforço, deixando ao próprio homem seu aprimoramento intelectual.

Por saber que a criatura humana não se descuida de suas necessidades imediatas, impostas pela vida material, a preocupação do Mestre concentrou-se no ensino moral.

...

Nosso mundo ainda é dominado, em grande parte, pelo egoísmo e orgulho da maioria de seus habitantes.

Essa realidade se reflete nos governos, nas instituições, nas religiões.

Não podemos aspirar à transformação do mundo para melhor se não se reverter esse quadro, através da reeducação dos indivíduos, das famílias, dos grupos, da população em geral.

Não se podem admitir instituições regeneradas, felizes, conscientes de seu papel perante toda a população mundial, se não forem constituídas de individualidades portadoras das mesmas qualidades positivas.

A esperança de um mundo regenerado no terceiro milênio tem seu fundamento em sinais positivos de solidariedade e de fraternidade entre nações poderosas, entre grupos religiosos que já se entendem no que se refere ao essencial e em outros sinais de compreensão, independentemente de interesses imediatistas nacionais, continentais ou raciais.

Entretanto, por outro lado, há focos de incompreensões em todos os continentes, guerras de disputas territoriais, guerras intestinas produzidas pela ambição do poder, levando à miséria e à morte populações indefesas, ameaças de guerras religiosas, como no passado.

É um quadro preocupante, de difícil reversão pelo atraso moral de dirigentes e dirigidos, insensíveis aos apelos da fraternidade, porque não têm olhos de ver e ouvidos para ouvir senão o que diz respeito aos seus interesses, sustentados por crenças ultrapassadas, indiferentes que se acham a uma mentalidade trazida pelos novos tempos.

Assim, implantar uma nova mentalidade em determinadas áreas da Humanidade, influenciadas por Espíritos retrógrados, comprometidos, no passado, por sentimentos de dominação, de imposição, de desrespeito, de

maldade, avessos à liberdade e respeito aos semelhantes, não é obra fácil.

Todavia, as leis divinas dispõem de meios e formas de atuação que nós, homens, percebemos apenas em parte.

A desencarnação e a reencarnação de Espíritos retrógrados e opositores ao progresso é uma das formas eficientes de neutralizar as más influências.

A transmigração para outros mundos, claramente prevista pela Espiritualidade, para os Espíritos recalcitrantes, rebeldes e que se constituem em opositores sistemáticos ao progresso geral é outra providência, que foge ao controle dos homens, para situar-se nos desígnios do Alto, que estabeleceu a lei divina da evolução das criaturas e dos mundos.

A inferioridade de nosso mundo só se modificará para melhor com a reeducação das massas humanas, com a compreensão generalizada de que todos precisam amar-se reciprocamente, despindo-se do orgulho e do egoísmo.

Essa transformação, tão esperada e desejada por muitos, é obra para sucessivas gerações, e o empecilho maior está no livre-arbítrio individual de que é dotado o homem, que precisa ser direcionado para o Bem, pela própria vontade, libertando o ser dos grilhões do atraso atávico.

A Providência Divina, o Governador Espiritual do Planeta, os Espíritos Prepostos proporcionaram os meios, mostraram o Caminho, realizando a influência benéfica que está sempre presente junto à Humanidade, para sua redenção.

Mas a rebeldia humana tem preponderado na maioria dos habitantes, através dos séculos e milênios.

Resta sempre a esperança de um Novo Tempo, de uma Nova Era, a Era do Espírito, de um Mundo Regenerado que pode vir no decorrer do Terceiro Milênio, dependendo dos próprios homens. ●

Agora é o Dia

Escuta, meu irmão, agora é o dia
Em que a Bênção Celeste nos coroa,
Convidando à tarefa clara e boa
De espalhar a alegria.

Desce do altar caseiro a que te elevas
E acende sobre a noite de quem chora
Uma réstia de aurora,
Adelgaçando as trevas...

Assinala, mais perto,
De coração fiel, amigo e atento,
O dorido lamento
Dos que passam clamando no deserto.

É a miséria sem lar vagando além,
A ignorância, torva e envilecida,
A criança perdida
E o doente cansado sem ninguém...

Desce do pedestal nobre e sublime
Em que a glória da fé te ilustra o nome,
Trazendo o pão onde se estenda a fome
E a luz de Deus onde corveja o crime.

Sobre o abismo das lágrimas debruça
O coração tranqüilo e consolado
E encontrarás Jesus crucificado
Em cada peito humano que soluça...

Em ti que trazes, rútilo e fecundo,
O brasão do Evangelho na alma ardente
Recai o privilégio onipresente
De revelar o Cristo sobre o mundo!

Escuta, meu irmão, agora é o dia
Em que a Bênção Celeste nos coroa,
Convidando à tarefa clara e boa
De espalhar a alegria...

JOSÉ TATAGIBA

O Holocausto Maior

ROGÉRIO COELHO

“E Jesus, chamando um menino, o pôs no meio deles.” – (Mateus, 18:2.)

Depois do terrível drama do Gólgota que sucedeu ao julgamento de Jesus, julgamento feito por juízes venais e omissos, pressionados pela casta sacerdotal que sabia muito bem manipular o poviléu ignaro, levando verdadeiras multidões à sedição, João, o Discípulo Amado, trasladou-se juntamente com Maria, a mãe de Jesus, para o promontório de Éfeso, onde ganhara uma nesga de terra cultivável...

Era um ponto geográfico privilegiado, aconchegante, emoldurado de rara beleza, de onde se avistava o mar pigmentado pelas velas coloridas das embarcações.

Flores miúdas, miosótis, ciprestes, loendros e tamareiras completavam a harmonia daquele sítio aprazível, pacato, hospitaleiro... Até mesmo os pequenos animais e os pássaros impregnavam-se do superior magnetismo ambiente, parecendo mais vivos e alegres com seus trinados a festejarem a primavera que espocava em beleza de variegado matiz.

Naquela tarde amena, a brisa suave carreava o ar salitrado do mar que se mesclava com o perfume das diversas flores, e o poente fazia-se majestoso, bordando os outeiros com o ouro luminoso dos raios solares a se derramarem em cascatas de luz pelas pradarias sem fim...

Tudo era paz. O silêncio convidava à reflexão...

Quase quatro anos depois do cruento episódio do Calvário, João via desfilar por sua tela mental o episódio daquela frágil criança que o Mestre aconchegara em Seu regaço.

Uma cariciosa vibração de amor repletou-lhe o coração ao rever as divinas mãos acariciando os cabelos desgrenhados daquela criança e parecia ainda ver aquelas duas perninhas magras pendendo balouçantes, frouxas e confiantes do colo do Mestre.

João reencontra, agora, aquela mesma criança, com aproximadamente oito anos de idade. Adota-a, forjando-lhe o caráter com a têmpera dos alcandorados ensinamentos cristãos, condimentados pela aconchegante ternura e carinho de Maria. Colocavam-se na posição de pai e mãe do petiz.

Essa criança se tornaria um dos maiores e mais abnegados cristãos dos primeiros e de todos os tempos: *Inácio de Antióquia*.

Estoicismo, coragem, bravura da alma nunca lhe faltaram... Seguiu sem tergiversar as trilhas abertas por Paulo, Pedro e João na ampliação das fronteiras cristãs no solo sáfaro dos corações.

Impertérrito, não reagiu à voz de prisão.

E, num dia ensolarado e quente de agosto, é levado a Roma.

Acompanhemos a sucessão dos fatos na empolgante narrativa de Divaldo Franco, sob a inspiração de Joanna de Ângelis:

“Ao saltar no porto de Óstia, cercado por legionários, é levado a Roma pela Via Ápia, numa madrugada do mês de agosto. Ao chegar ao acume de uma das colinas que circundam a cidade, ele começa a sorrir. Aquele homem, a ferros, alquebrado, sorria a ponto de comover-se, entre lágrimas e júbilos...

O legionário dele se acerca, esborda-lhe a face, e pergunta, na voracidade da cólera:

– Tu deves estar louco. Por que sorris?

– Sorrio diante de tanta beleza que os meus olhos descortinam. Sorrio porque chego a Roma e vejo uma cidade imponente. Sorrio ao olhar o casario de mármore, as estátuas que rutilam ao Sol, as águas prateadas do Tibre que circundam como um alaúde as montanhas. Sorrio...

O soldado não podia compreender, e riposta:

– Mas tu vais morrer. Ainda esta semana tu irás pelo fosso subterrâneo para a arena do circo, onde teu corpo será despedaçado pelas feras da Dalmácia. Como podes sorrir, se tu vais morrer?

– É exatamente por isso que sorrio.

Pela tela da memória passavam-lhe as cenas da remota Galiléia. A gentil Galiléia verde e branca; a suave Galiléia do mar a duzentos metros abaixo do nível do Mediterrâneo; a Galiléia das colinas, dos miosótis azuis, das trepadeiras em flor e dos roseirais, que se abrem e se despedaçam diante da brisa do mês de Nisan.

Ainda sem compreender o sorriso do prisioneiro naquela hora tão imprópria, visto que estava preste a ser devorado pelas feras, o soldado insiste na pergunta:

– Por que sorris?

Inácio responde com incontida alegria a invadir-lhe os mais íntimos refolhos da alma:

– Eu sorrio de felicidade porque agora eu posso ter uma dimensão do amor de Deus. Porque, se para vós, que sois adúlteros, corrompidos, abutres que voais sobre o cadáver das gerações vencidas, se para vós que sois criminosos, Deus concede uma cidade tão bela e tão harmônica, que não oferecerá Ele para os que Lhe são fiéis? Se a vós vos dá uma cidade opulenta e de prazeres, que nos não dará a nós outros, que Lhe temos dado a nossa Vida? Eu sorrio de gáudio, antecipadamente, e anelo para que venha o sofrimento já, a fim de que Ele me leve...

Inácio foi levado ao subterrâneo, onde encontrou os amigos.

Ali ele se recordou de Jesus, falou-lhes durante várias horas a respeito das blandícias do *Reino dos Céus*.

Uma semana após, quando milhares de espectadores lotavam o circo Máximo e a arena ovalada se repletava de feras da Núbia, da Dalmácia – que não foram alimentadas por uma semana e sobre as quais se atiravam postas de carne ensangüentadas, cheias de Vida para lhes espicaçar o paladar –, os cristãos foram lançados aos animais, que despedaçaram aqueles corpos frágeis de anciãos, homens, mulheres e crianças, também, estóicos, que se não intimidavam diante da morte.

Enquanto Inácio aguardava o momento da patada no tórax que lhe despedaçasse ossos e músculos, nenhuma fera arrebentou-lhe o corpo.

Conta a querida Benfeitora que, naquele momento em que as feras saciadas refugavam os cadáveres e ele, na arena ensangüentada, era o único que persistia, ajoelhou-se, humilhado, e perguntou:

– Por quê? Por que fui poupado? Ser poupado é morte em Vida. Por que eu não tive a honra de morrer?

Apareceu-lhe um anjo, um ser espiritual, e, contemplando-o entre lágrimas de amor, respondeu-lhe:

– Inácio, morrer é muito fácil... Perder o corpo numa só arremetida é um testemunho pequeno para ti. Tu, que tanto amas Jesus, mereces algo mais penoso e magoador: *Tu Viverás...*

Morrer, no momento leva-te ao paroxismo da abnegação, *mas viver entre pessoas que te não compreendam, porfiar quando os outros desconfiarão de ti, estar firme no ideal no momento das dificuldades, eis o holocausto maior.*

O Mestre deseja que vivas, para que a Sua mensagem saia da tua boca e experimentes o escárnio sem delinquir, experimentes a perseguição continuada sem desanimar. Porque esta é uma morte rápida demais para os que são bons e fiéis.

Inácio saiu da arena, e os companheiros supuseram que ele houvera abjurado. A calúnia sórdida, a intriga e a maledicência semearam, na comunidade primitiva, que ele teve a Vida poupada porque prestara sacrifício aos deuses.

Inácio nunca se defendeu, porque quem ama Jesus não tem tempo a perder com defesas inoportunas. Ele jamais se justificou, porque deveria prestar contas ao seu Rei, não aos súditos e escravos, como escravo e súdito era ele. Não disse uma palavra, até que os anos, dobrando-se uns sobre os outros, demonstraram a grandeza desse discípulo eleito, que passou a ser o protótipo do cristão verdadeiro, o modelo daquele servidor primitivo de Jesus, elevando-se à categoria de bem-aventurado por seu testemunho de amor...”

Inácio de Antióquia é bem aquele discípulo verdadeiro do Cristo que vive a Caridade em toda a plenitude tal como a entendia Jesus: *

“Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.”

* Kardec, Allan O Livro dos Espíritos, questão 886, 80. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1998.

O Barulho da Verdade

RICHARD SIMONETTI

Lucas, 17:1-2

Marcos, 9:42-50

Mateus, 18:6-11

Freqüentemente, em seus diálogos com os discípulos, Jesus usava simbolismo, cujo alcance assimilamos melhor na medida em que nos desenvolvemos nos domínios do conhecimento espiritual.

A contribuição espírita, neste particular, é fundamental, ajudando-nos a desenvolver *olhos de ver e ouvidos de ouvir*. É o que ocorre nas advertências de Jesus sobre os escândalos:

– *Se alguém escandalizar a um destes pequenos que crêem em mim, melhor fora que lhe atassem ao pescoço uma dessas mós que um asno faz girar e que o lançassem no fundo do mar.*

Quem aprecia palavras cruzadas conhece o substantivo mó, dos mais usados nesse instrutivo passatempo.

É pedra de moinho, engenho para triturar cereais.

O moinho tradicional tem duas mós em forma de roda, uma sobre a outra. A maior por baixo, fixa. A menor, por cima, com um eixo no centro que lhe permite girar. A debaixo, côncava. A de cima, convexa. Ambas se justapõem.

O cereal é jogado por um orifício, entre as duas. Girando, a de cima esmaga o cereal. Surge a farinha, a escorrer pelas bordas.

Todo lar judeu tinha suas mós. Serviço diário, ao cuidado das mulheres. As casas abastadas usavam mós maiores. A tração era feita por burros.

Eram tão importantes que a Lei proibia usá-las como garantia para empréstimos.

Há, em Deuteronômio (24:6), poética orientação:

Não tomarás em penhor ambas as mós, nem mesmo a mó de cima, pois se penhoraria assim a vida.

...

Indulgente com as misérias humanas, Jesus era inflexível com aqueles que, ensinando a religião, sustentavam, secretamente, um comportamento imoral, capaz de chocar os catecúmenos.

Fiquemos tranqüilos. Trata-se de uma “palavrona”, não de um palavrão. Também conhecida pelos cruzadistas, reporta-se aos iniciantes religiosos.

Jesus os chamava *pequeninos*.

Como se sentirá o catecúmeno ao tomar conhecimento dos desvios daqueles que o instruem na religião, comprometendo-se na imoralidade e na desonestidade?

Por fora, bela viola. Por dentro, pão bolorento.

Um comportamento assim pode ser desastroso, porquanto, em sua insipiência, os catecúmenos tendem a confundir a religião com o religioso.

Certa feita, conversei com uma senhora, cujo marido compareceu algumas vezes ao Centro Espírita. Desistiu, horrorizado, ao ter conhecimento de que o presidente era velho conhecido, alguém de comportamento incompatível com sua

posição. Cultivava aventuras extraconjugais.

Quantos catecúmenos esse dirigente terá afastado com seus maus exemplos?!

Jesus lembra as pedras de moinho para alertar quanto à responsabilidade dos que, fazendo-se depositários da religião, não vivem seus princípios.

Melhor seria que lhes atassem ao pescoço uma dessas mós maiores, puxadas por burros, e fossem lançados no mar.

A morte sempre é encarada com temor. Para muitos é o que de pior pode acontecer.

Daí a advertência:

Devemos ter menos medo de morrer do que de nos comprometer nesses desvios.

...

O Mestre prossegue:

– Ai do Mundo por causa dos escândalos; porque é inevitável que venham escândalos; mas ai do homem por quem o escândalo venha.

No sentido genérico, escândalo é a revelação de algo não compatível com a moral e os bons costumes.

Causa impacto junto à opinião pública, envolvendo várias situações:

- Governo corrupto.
- Funcionário desonesto.
- Político venal.
- Falso religioso.
- Adúltero contumaz.

Na atualidade, isso tudo aparece em larga escala, chocando as pessoas, principalmente em relação à corrupção.

Parece institucionalizada. Envolve todos os setores da sociedade.

– É o fim do mundo! Está tudo perdido! – dizem as pessoas, estarecidas.

Trata-se de um equívoco.

Sempre existiu a corrupção.

A diferença é que no passado não havia liberdade de imprensa nem rigores na fiscalização.

Aparecia menos.

...

Quando tropeja a verdade, desvelando o comportamento desonesto, a opinião pública é mobilizada, impondo mudanças.

O escândalo, portanto, embora chocante e desolador, funciona como um tumor lancetado.

Põe as impurezas para fora, favorecendo a cura do mal.

Não obstante útil e necessário, ai daquele cujo comportamento lhe dá origem. Poderá até furtar-se às suas responsabilidades perante os homens, mas não escapará da Justiça Divina.

Na vida atual, na vida espiritual ou em vida futura, amargas retificações lhe serão impostas.

Sofrerá muito mais do que se lhe atassem uma mó ao pescoço e o atirassem ao mar.

...

Acentua Jesus:

– *Portanto, se a tua mão ou o teu pé é objeto de escândalo, corta-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado, do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno.*

– *Se um dos teus olhos é objeto de escândalo, arranca-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida com um só dos teus olhos, do que, tendo dois, seres lançado no inferno de fogo.*

Estas vigorosas imagens ressaltam a necessidade de contermos nossos impulsos inferiores, as nossas tendências viciosas, o que seja passível de prejudicar, influenciar negativamente ou chocar alguém.

Segundo a expressão evangélica, nossos comprometimentos morais nos precipitarão no fogo do inferno.

Naturalmente, é preciso definir o que isso representa, para não cairmos na fantasia medieval de uma fogueira onde as almas ardem em sofrimento perene, sem jamais se consumirem.

A própria teologia ortodoxa admite, hoje, que as chamas do inferno simbolizam os tormentos da consciência culpada, na Terra ou no Além.

Essas *labaredas ardentes* chamam-se angústia, insatisfação, tristeza, desequilíbrio, enfermidade, que nos perturbam hoje, em face de nossos desvios de ontem, na presente existência ou em existências anteriores.

...

Podemos situar as afirmativas de Jesus como uma *hipérbole*, termo também familiar aos cruzadistas.

Trata-se de enfatizar uma realidade, exagerando-a.

- Desejo de comer o fígado de alguém – grande raiva.
- Derramar rios de lágrimas – grande tristeza.
- Coração de pedra – grande insensibilidade.
- Furor de um tigre – grande agressividade.
- Vulcão na cabeça – grande tensão.

A hipóbole de Jesus dramatiza a situação do indivíduo tão comprometido com o mal que necessita de recurso mais enérgico, a fim de redimir-se.

O *entrar na vida* equivale ao *nascer de novo*, do diálogo com Nicodemos, em que Jesus situa a reencarnação como indispensável à nossa evolução.

O Espírito poderá reencarnar com limitações físicas e mentais que inibem suas tendências inferiores e impõem o resgate de seus débitos, a fim de que se liberte do inferno da consciência culpada.

É bom esclarecer, leitor amigo:

Não pretendo que essas limitações, que todos temos em maior ou menor intensidade, definam nosso grau de comprometimento diante das leis divinas. Evitemos a equivocada idéia de que quanto maior a deficiência, maior o saldo devedor, no balanço evolutivo.

Todos temos débitos do pretérito que justificam quaisquer limitações. Não obstante, estas se manifestam em maior ou menor intensidade, segundo programas instituídos por Deus, guardando compatibilidade com nossas necessidades e nossa capacidade de enfrentar desafios.

Estaremos sujeitos a elas enquanto vivermos na Terra, até que nos libertemos

em definitivo de nossas mazelas, habilitando-nos a viver em planos mais altos do infinito, em regiões alcandoradas, usando corpos celestes, segundo a expressão do apóstolo Paulo. Então nos isentaremos das deficiências, limitações e desgastes que caracterizam o veículo de matéria densa que usamos no trânsito pela carne.

Difícil definir quanto tempo semelhante realização demandará, quantas vezes nos submeteremos a pesadas mós que trituram nossas mazelas.

Mas algo podemos afirmar, sem sombra de dúvida:

Tanto mais breve será, quanto maior o nosso empenho em não nos envolvermos num comportamento capaz de produzir escândalos, o barulho da verdade a desmascarar a hipocrisia humana. ●

O 31 de Março nos Fastos do Espiritismo

INALDO LACERDA LIMA

Comecemos por ordem seqüencial dos anos em que três fatos, intimamente relacionados, se fizeram assinalar, a fim de que melhor nos situemos no âmbito de suas realidades.

1. As Manifestações de Hydesville. Hydesville era um vilarejo no condado de Wayne, a cerca de vinte milhas da nascente cidade de Rochester, no Estado de New York, conforme assinala, *Sir Arthur Conan Doyle* em sua *História do Espiritismo*. Entre modesto grupo de casinhas de madeira, estava aquela que, na época, era habitada por honesta família de fazendeiros de nome Fox. Era um casal de *metodistas* com duas filhas adolescentes – Margareth, de quatorze e Kate, de onze anos.

A família Fox alugara a casa, que já gozava da reputação de ser mal-assombrada, a 11 de dezembro de 1847. Mas, possivelmente em face da boa localização do imóvel ou porque não fosse fácil casa com aluguel módico, pouco caso fizera das informações dos vizinhos. No entanto, o referido mal-assombramento deu aos novos ocupantes da casa dois meses apenas de sossego: a partir daí, e num crescendo insistente, os insólitos ruídos passaram a incomodar aquela pacata família, até que, na noite de 31 de março de 1848, a menina Kate resolveu enfrentar o estranho invisível, desafiando-o a repetir estalidos que ela fazia com os dedos, e que foram efetivamente repetidos. Foi então que estranho intercâmbio se estabeleceu entre um Espírito e a referida família, ensejando grande movimentação na pequena vivenda, durante toda aquela noite de sexta-feira. Nascia, assim, com o testemunho dos vizinhos da família Fox, a relevante história do mascate Charles Rosma ali assassinado, que é já do conhecimento do mundo, principalmente dos espiritistas estudiosos.

2. Desencarnação de Allan Kardec. Após os fatos de Hydesville, outros se seguiram de maneira impetuosa, demonstrando *urgência* da Espiritualidade superior! O mundo dos homens passava a ser revolucionado com diversos fenômenos de ordem bastante curiosa, salientando-se dentre todos os das mesas girantes que, desafiando a curiosidade geral, na Inglaterra e na França, chegaram a preocupar um famoso professor e educador francês de nome Hippolyte Léon Denizard Rivail, a quem o mundo espiritual revelou ter sido o ser humano escolhido para conhecer, codificar e dar nome a uma nova Doutrina, que seria mais uma Revelação de Deus à Humanidade deste planeta – a Terceira Revelação.

Tal Doutrina vinha à Terra, através da mediunidade, em cumprimento à promessa do Cristo nos capítulos 14, 15 e 16 do Evangelho segundo o apóstolo João. O Professor Rivail, homem criterioso e circunspecto, depois de submeter aquela informação a cuidadosos testes racionais, de cientificar-se da veracidade dos fatos e em face da incontestabilidade das razões que lhe eram oferecidas pelas vozes do Céu, principalmente do Guia que para ele, Rivail, seria simplesmente *Verdade*, dedicou-se à sublime missão com amor e devotamento, à disposição da qual colocou os últimos treze anos de sua luminosa existência, vindo a desencarnar a 31 de março de 1869, sendo seu corpo sepultado no Cemitério Montmartre. Nessa tarefa, ele considerou a necessidade de substituir o próprio nome, passando a oficializar em todos os seus atos espíritas o

pseudônimo de Allan Kardec.

3. **Inauguração do Túmulo de Allan Kardec.** No ano seguinte (31 de março de 1870), no Cemitério do Père-Lachaise, de Paris, era inaugurado, a alguns metros do principal portão, o túmulo daquele que soube cumprir e honrar a grandiosa missão que do Alto lhe fora confiada. O túmulo todo granítico, em forma de dólmen, ou monumento druídico, para o qual foram transferidos os restos mortais de Allan Kardec, consiste de uma grande pedra tabular apoiada em duas colunas verticais na frente, e numa grande laje também vertical por trás. Na pedra tabular foi insculpida a seguinte inscrição: **Naître, mourir, renaître encore et progresser sans cesse telle est la loi.** E ao lado encontra-se também assinalado que aí repousam os restos mortais da dedicada esposa Amélie Gabrielle Boudet.

Uma característica notável do túmulo de Allan Kardec é a presença constante de flores vivas, naturais, cultivadas em vasos diversos, chamando a atenção do visitante, que almas dedicadas e fiéis as cultivam com muito amor, demonstrando a imortalidade daquele Espírito inesquecível!●

Allan Kardec

MÁRIO FRIGÉRI

"(...) é o precursor da felicidade celeste."

Um Espírito

França. Paris. Travessa de Sainte-Anne.
Doba, sereno, o século dezenove...
Seleto grupo concentra e promove
Mensagens-luz de uma etérea Hipocrene.

É o Espiritismo que, ao nascer, comove
A grande pátria de Hugo e La Fontaine,
Nela elegendo o gênio que o coordene,
Na lucidez de um novo e grave Jove.

Moderno Zeus, do Olimpo em que se embasa,
Kardec empunha os raios de Vulcano
E em fogo a Lei de Deus nas almas vaza.

Semeia o Bem à flor da Humanidade
E, mano a mano, ascende o ser humano
Pelas veredas da Imortalidade...

* KARDEC, Allan. Obras Póstumas, 28. ed., FEB, p. 298.

Fonte: FRIGÉRI, Mário. Momentos com Jesus. Rio de Janeiro: FEB, 2000, p. 51.

A Instituição Espírita no 3º Milênio

GÉRSOON SIMÕES MONTEIRO

Analizando a velocidade com que se propagavam as idéias espíritas, fruto da satisfação que elas proporcionam, Allan Kardec, no item V da Conclusão de *O Livro dos Espíritos*, admitiu três períodos para o desenvolvimento dessas idéias, a saber:

- 1º) o da curiosidade provocada pelos fenômenos;
- 2º) o do raciocínio e da filosofia; e
- 3º) o da aplicação e das conseqüências.

Conforme suas observações, o primeiro já havia passado e o segundo começado. O terceiro seguiria inevitavelmente e é notório que há muito o estamos vivenciando.

O período da aplicação e das conseqüências a que se refere o Codificador é a etapa em que o Espiritismo ajuda a Humanidade a entrar na nova fase do progresso moral, sua conseqüência inevitável. Esta a missão do Espiritismo.

A Doutrina Espírita, como fator incrementador do progresso moral da coletividade humana por intermédio do progresso individual, tem na Instituição Espírita o meio principal para atingir esse objetivo.

Nessa condição, podemos situar a Instituição Espírita como espaço de convivência, de estudo, de oficina e de reflexão. Nela a criatura humana pode apreender os postulados da Doutrina Espírita dentre eles os seus princípios fundamentais, que segundo Allan Kardec, no cap. 18, *Sinais dos Tempos*, de *A Gênese*,¹ “toda a gente pode aceitar e aceitará: Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinido, a perpetuidade das relações entre os seres”; e vivenciar o Espiritismo nas suas diversas atividades (as de estudo, de orientação, de assistência social).

Dessa forma, a Instituição Espírita prepara o homem em todas as suas faixas de idade, para atender o preceito exposto por Allan Kardec em *O Evangelho segundo o Espiritismo*²: “Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.”

Esse homem transformado atuará, portanto, na sociedade, como agente de mudança, concorrendo para resolver a questão social, que, para o Codificador, “está no melhoramento moral dos indivíduos e das massas”.³

A Doutrina Espírita, conceituando o homem como Espírito encarnado para progredir tanto no aspecto intelectual quanto no moral, leva-nos a concluir que, na trajetória existencial do berço ao túmulo, ele é um ser vivenciando circunstâncias, as quais resultam em necessidades.

É claro que a Instituição Espírita deve atender às necessidades do homem, mas para melhor entendimento desse posicionamento, vamos nos valer de Abraham Maslow, conceituado psicólogo humanista, que em seu livro *Motivação e Personalidade*, formulou a conhecida hierarquia das necessidades humanas dividindo-as em primárias e secundárias.

No entanto cabe a pergunta-reflexão: a quais necessidades deve a Instituição Espírita atender? Às primárias ou às secundárias? A resposta, ao nosso ver, seria atender às necessidades secundárias, que, segundo Maslow, produzem no homem resultados subjetivos mais desejáveis, isto é, felicidade mais intensa, serenidade e riqueza de vida interior.

Isso nos leva à convicção de que o foco da Instituição Espírita deve ser o ensino fundamental da Doutrina Espírita, porque segundo Allan Kardec no item IV da Conclusão de *O Livro dos Espíritos*:⁴

“O homem quer ser feliz e é natural esse desejo. Ora, buscando progredir, o que ele procura é aumentar a soma da sua felicidade, sem o que o progresso careceria de objeto. Em que consistiria para ele o progresso, se lhe não devesse melhorar a posição?”

Quando, porém, conseguir a soma de gozos que o progresso intelectual lhe pode proporcionar, verificará que não está completa a sua felicidade. Reconhecerá ser esta impossível, sem a segurança nas relações sociais, segurança que somente no progresso moral lhe será dado achar. Logo, pela força mesma das coisas, ele próprio dirigirá o progresso para essa senda e o Espiritismo lhe oferecerá a mais poderosa alavanca para alcançar tal objetivo.”

Vale a pena citar ainda, a respeito, o enfoque do trabalho *Centro Espírita – Unidade Fundamental do Movimento Espírita* (Reformador de março/93, p. 81, subitem 1.2.2), baseado no documento *Orientação ao Centro Espírita*, do Conselho Federativo Nacional da FEB:⁵

“Na sua função de escola da alma, o Centro Espírita tem responsabilidade na educação integral do homem, como Espírito imortal, e não como ser meramente existencial. Para tanto, deve promover, com vistas ao aprimoramento íntimo de seus freqüentadores, o estudo metódico e sistemático e a explanação da Doutrina Espírita no seu tríplice aspecto – científico, filosófico e religioso –, consubstanciada na Codificação Kardequiana e no Evangelho.”

Considerando, porém, as más condições sócio-econômicas de expressivos contingentes de seres humanos, a Instituição Espírita não pode desprezar as necessidades primárias. Isto porque, conforme Maslow expressa de maneira adequada e simples, “quando as necessidades primárias são atendidas, isto é, as fisiológicas, as de segurança, as sociais e as de estima, necessidades mais elevadas como auto-estima e auto-realização surgem em seu lugar”.⁶

Eis por que a Instituição Espírita não deve descuidar do atendimento aos que o procuram em busca de orientação e socorro para os seus problemas materiais, morais e espirituais, valendo-se dos instrumentos ao seu alcance e alicerçada na máxima “Fora da Caridade não há Salvação”.⁷

Ainda nesta oportunidade, destacamos trecho do citado trabalho *Centro Espírita – Unidade Fundamental do Movimento Espírita*, apresentado pela Federação Espírita Brasileira no Congresso Mundial de Espiritismo em Madrid, Espanha, 1972, sobre as atividades de unificação e o Centro Espírita, com vistas à auto-sustentação do Movimento Espírita, que é o seguinte:

“O Centro Espírita é a unidade fundamental do Movimento Espírita. Como tal, não é lícito ficar fechado em si mesmo, mas ao contrário, irradiar para fora do seu ambiente e ligar-se às outras instituições congêneres de sua comunidade. É o que Kardec recomenda, a propósito da multiplicação dos pequenos grupos, os quais, ‘correspondendo-se entre si, visitando-se, permutando observações, podem, desde já, formar o núcleo da grande família espírita, que um dia consorciará todas as opiniões e os homens por um único sentimento: o da fraternidade, trazendo o cunho da caridade cristã’”.⁸

Concluindo, afirmamos que os objetivos maiores da Instituição Espírita no Terceiro Milênio são o da educação e reeducação do homem e o de divulgar o Espiritismo por todos os meios idôneos disponíveis e ao seu alcance, no sentido de alavancar o progresso moral do homem, de tal forma que possa ele acompanhar o progresso da Terra nessa Era, em que ela será elevada da categoria de planeta de expiações e provas à categoria de mundo Regenerado.

(Trabalho apresentado no 2º Congresso Espírita Mundial, realizado de 1º a 5 de outubro de 1998, em Lisboa, Portugal.)

Referências Bibliográficas:

- 1 KARDEC, Allan. A Gênese, cap. XVIII, item 17, 38. ed., Rio de Janeiro, 1999, FEB, p. 414.
- 2 O Evangelho segundo o Espiritismo. Cap. XVII, item 4, 116. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1999, p. 276.
- 3 Obras Póstumas, Credo Espírita, 28. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1998 p. 384.
- 4 O Livro dos Espíritos, Conclusão, item 4, 80. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1998, p. 480.
- 5 FEB – Conselho Federativo Nacional. Orientação ao Centro Espírita, 3. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1988.
- 6 MASLOW, Abraham. Motivação e Personalidade, Rio de Janeiro.
- 7 KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV, 116. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1999, p. 245.
- 8 O Livro dos Médiuns, cap. XXIX, item 334, 66. ed., Rio de Janeiro, FEB, 2000, p. 430.

Reverenciando Kardec

Antes de Kardec, embora não nos faltasse a crença em Jesus, vivíamos na Terra atribulados por flagelos da mente, quais os que expomos:

- o combate recíproco e incessante entre os discípulos do Evangelho;
- o cárcere das interpretações literais;
- o espírito de seita;
- a intransigência delituosa;
- a obsessão sem remédio;
- o anátema nas áreas da filosofia e da ciência;
- o cativo aos rituais;
- a dependência quase absoluta dos templos de pedra para as tarefas da edificação íntima;
- a preocupação de hegemonia religiosa;
- a tirania do medo, ante as sombrias perspectivas do além-túmulo;
- o pavor da morte, por suposto fim da vida.

...

Depois de Kardec, porém, com a fé raciocinada nos ensinamentos de Jesus, o mundo encontra no Espiritismo Evangélico benefícios incalculáveis, como sejam:

- a libertação das consciências;
- a luz para o caminho espiritual;
- a dignificação do serviço ao próximo;
- o discernimento;
- o livre acesso ao estudo da lei de causa e efeito, com a reencarnação explicando as origens do sofrimento e as desigualdades sociais;
- o esclarecimento da mediunidade e a cura dos processos obsessivos;
- a certeza da vida após a morte;
- o intercâmbio com os entes queridos domiciliados no Além;
- a seara da esperança;
- o clima da verdadeira compreensão humana;
- o lar da fraternidade entre todas as criaturas;
- a escola do Conhecimento Superior, desvendando as trilhas da evolução e a multiplicidade das “moradas” nos domínios do Universo.

...

Jesus – o amor.
Kardec – o raciocínio.
Jesus – o Mestre.
Kardec – o Apóstolo.

...

Seguir o Cristo de Deus, com a luz que Allan Kardec acende em nossos corações, é a norma renovadora que nos fará alcançar a sublimação do próprio espírito, em louvor da Vida Maior.

EMMANUEL

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 24-1-69, em Uberaba, Minas.) ●

Esflorando o Evangelho – Emmanuel

Ante a Lição

“Considera o que te digo, porque o Senhor te dará entendimento em tudo.”

– Paulo. (II Timóteo, 2:7.)

Ante a exposição da verdade, não te esquives à meditação sobre as luzes que recibes.

Quem fita o céu, de relance, sem contemplá-lo, não enxerga as estrelas; e quem ouve uma sinfonia, sem abrir-lhe a acústica da alma, não lhe percebe as notas divinas.

Debalde escutarás a palavra inspirada de pregadores ardentes, se não descerrares o coração para que o teu sentimento mergulhe na claridade bendita daquela.

Inúmeros seguidores do Evangelho se queixam da incapacidade de retenção dos ensinamentos da Boa Nova, afirmando-se ineptos à frente das novas revelações, e isto porque não dispensam maior trato à lição ouvida, demorando-se longo tempo na província da distração e da leviandade.

Quando a câmara permanece sombria, somos nós quem desata o ferrolho à janela para que o sol nos visite.

Dediquemos algum esforço à graça da lição e a lição nos responderá com as suas graças.

O apóstolo dos gentios é claro na observação.

“Considera o que te digo, porque, então, o Senhor te dará entendimento em tudo.”

Considerar significa examinar, atender, refletir e apreciar.

Estejamos, pois, convencidos de que, prestando atenção aos apontamentos do Código da Vida Eterna, o Senhor, em retribuição à nossa boa-vontade, dar-nos-á entendimento em tudo.

O Espiritismo Demonstra a Verdade de Algumas Heresias

WASHINGTON LUIZ N. FERNANDES

Muito interessante lembrarmos algumas opiniões, classificadas na historiografia humana como heresias religiosas (*lat. haeresis e gr. hairesis – escolha, propensão*), desde os primeiros séculos do Cristianismo.

Por heresias religiosas devemos entender as idéias que estiveram contrárias à fé estabelecida como oficial, tidas como falseadoras de Revelações Divinas. E os defensores destas afirmações, por contrariarem os *dogmas* estabelecidos pelas religiões dominantes, foram por isso considerados demoníacos, e muitos pagaram com a própria vida o crime de dizerem suas opiniões.

Ocupar-nos-emos só dessas heresias doutrinário-religiosas, não nos detendo nas que tratavam das Leis Naturais como, por exemplo, as do físico e astrônomo italiano Galileu Galilei (1564-1642), que afirmava que a Terra é que girava e não o Sol, e por dizer esta verdade científica quase morreu queimado.

Constrange-nos um pouco escrever sobre isso, apresentando lamentáveis registros históricos, mas o fazemos por dever de fidelidade à verdade dos fatos, pois acreditamos que este estudo oferece valioso material de pesquisa e reflexões.

É possível que esse tipo de atentado à liberdade de pensamento ainda ocorra em nossos dias, mais no plano moral do que material, sob a justificativa da defesa da verdade, mas por certo traduz da mesma forma a intolerância e o personalismo.

Será de cansar ver tantos “ismos” (sufixo que indica doutrina filosófica ou religiosa) juntos, mas necessário apelar para a paciência dos leitores.

Houve heresias que realmente estavam equivocadas, podendo-se citar o Adocionismo (séc. II), que professava que Jesus não era Filho de Deus desde a eternidade, mas só a partir do batismo; o Marcionismo, doutrina dualista do gnóstico Marcião (85-160) que distinguia entre Deus-Pai e um criador ou demiurgo, sendo Jesus-Cristo o enviado do primeiro para livrar a Humanidade do segundo rejeitando o Antigo e o Novo Testamentos, com exceção do Evangelho de Lucas e de algumas epístolas de Paulo. Seus seguidores tornaram-se maniqueus, da doutrina Maniqueísta, fundada por Manes (216-274), baseada na existência de dois princípios opostos, o Bem e o Mal. Vale lembrar que Santo Agostinho (354-430), quando jovem, foi maniqueu por nove anos; o Catarismo, seita dos Cátaros, iniciada no séc. XI, que da mesma forma acreditava no dualismo do Bem e do Mal; o Montanismo, doutrina religiosa do séc. II, também conhecida como heresia frígia, fundada por Montano (séc. II), que se dizia diretamente inspirado pelo Espírito Santo, e pregava uma próxima vinda corporal de Jesus; o Docetismo (de Valentin, séc. II) e o Apolinarismo (de Apolinário, séc. IV), segundo os quais Jesus teve um corpo aparente, negando a realidade de sua crucificação e sua alma humana; o Priscilianismo, doutrina do cristão espanhol Prisciliano (335-385), que apesar de ser antitrinitário (contra a Santíssima Trindade), defendeu o Gnosticismo e o Maniqueísmo, sendo um dos primeiros a ser executado por defender suas idéias.

Mas há outras idéias, que veremos a seguir, as quais estavam totalmente certas, conforme demonstrado pelo Espiritismo, e da mesma forma foram

combatidas. Elas se opunham a orientações *dogmáticas* criadas pelos próprios homens e, em verdade, estes dogmas é que mereciam a condição de falsear o que é certo.

Rechaçadas com impiedade e intolerância, pelos que detinham o poder, e se arrogavam a condição de *donos da verdade*, foram aplicadas a seus defensores penalidades civis, excomunhão, cruéis penas e até a morte. A Inquisição foi criada, no séc. XII, objetivando combater as heresias, especialmente o Catarismo.

Aquele que tivesse ciência de algum comportamento mencionado em edital inquisitorial, e não o viesse revelar, seria perseguido como fautor de hereges, isto é, pelo crime de acobertar culpas de hereges. Depois de preso, o réu era submetido a longos interrogatórios, não lhe sendo comunicado o motivo de sua prisão, nem o crime de que era acusado, ou qual o seu denunciante.

Em enciclopédias brasileiras e internacionais, encontramos as questões heréticas tratadas ao sabor das crenças dos colaboradores destas obras, por vezes claramente partidários das religiões dogmáticas dominantes, e por isso concordando em alguns casos com estas idéias.

Logo no início do Cristianismo, admiramos o conteúdo de algumas dessas chamadas *heresias*, que retrataram em verdade grande lucidez de seus defensores.

Heresias que eram verdadeiras

Somente a título de ilustração, vamos comentar algumas dessas opiniões, comparando com os esclarecimentos trazidos pelo Espiritismo:

– **Monarquianismo (ou Modalismo ou Sabelianismo):** Foi a negação da trindade das pessoas divinas, considerados o Filho e o Espírito Santo como modos do Pai. O Monarquianismo, rejeitando a separação dessa chamada divina substância, foi criado por Noets (140-200), e teve em Sabélio (séc. II), da Líbia, um dos principais divulgadores, tendo sido este excomungado em Roma, pelo Papa S. Calisto I.

– **Arianismo:** Negava a divindade de Jesus. Considerada uma das primeiras grandes heresias cristãs, tendo em Ário (c. 250-336 d.C.) seu iniciador. Segundo ele, Jesus não seria co-eterno e da mesma substância do Pai, mas foi criado por Ele. Ele tem um começo, mas Deus não. Esta doutrina foi rejeitada pelo Concílio de Nicéia (325), e condenada pelo Concílio de Constantinopla (381). Propagou-se principalmente entre os povos germânicos (ostrogodos, visigodos, burgúndios). Segundo Ário, nos primeiros textos dos quatro Evangelistas, o Filho aparece subordinado ao Pai, o que destrói a igualdade da Santíssima Trindade. Portanto, Jesus não seria de modo algum Deus.

– **Socinianos:** Uma forma de arianismo, do séc. XVI. Este nome deveu-se a Lello Socin (1509-1562), tido como heresiarca, que negava a divindade de Jesus, a existência do Espírito Santo e a utilidade dos Sacramentos.

– **Nestorianismo:** No tocante a uma de suas afirmações, sobre Maria de Nazareth, o Nestorianismo, fundado por Nestório (380-451), patriarca de Constantinopla, afirmava ser ela somente a mãe de Jesus e não mãe de Deus.

O Nestorianismo foi condenado pelo Concílio de Éfeso, em 431.

– **Espiritismo:** Admite a existência de um Deus único, inteligência suprema do Universo, Causa Primária de todas as coisas.

Jesus, como Ele mesmo o disse, mais de quarenta vezes em o Evangelho, era o Filho de Deus, como todos nós o somos, porém, Ele era mais evoluído, e veio nos ensinar o Evangelho. Maria, e também José, foram os pais de Jesus e,

por isso, ela não é mãe de Deus, que é o Criador de todas as coisas, mas a genitora de Jesus. Além do que, se Maria fosse mãe de Deus, Ele não seria mais o Criador de tudo, tendo sido Ele por ela criado.

O Espírito Santo pode ser entendido como uma plêiade de Espíritos Superiores, que colaboram para o progresso do mundo.

A Santíssima Trindade, que identifica Pai, Filho e Espírito Santo numa só unidade, definindo um no outro, nada mais é do que um *dogma* de origem totalmente material, criado pelos homens e não por Jesus, que não trouxe nenhuma orientação dogmática para o comportamento.

– **Waldenses:** Foi um movimento iniciado pelo religioso francês Peter Waldo (ou Valdo), no séc. XII, que defendia a pobreza e a simplicidade, em oposição à idéia de religião associada ao luxo que existia em seu tempo, isto um pouco antes da odisséia franciscana em Assis. Waldo pronunciou sua *Profissão de Fé*, e foi perseguido e condenado pela cúpula religiosa. Waldo combateu também a adoração ao crucifixo, a idéia de as igrejas considerarem-se sagradas, os sacramentos e o purgatório. Vale lembrar que os sacramentos são atos rituais que visam a santificar as pessoas envolvidas, e seus defensores afirmam que eles foram instituídos por Jesus, o que não é verdade, pois Ele não trouxe nenhum ritual.

– **Pelagianismo:** Seita tida como herética, iniciada pelo monge e teólogo britânico Pelágio (360-425), negou a necessidade da graça, realçando as forças do livre-arbítrio; é por este modo que cada um vai para o céu, a depender de seus esforços. Negou totalmente que a salvação fosse uma graça. O Pelagianismo foi condenado pelo Concílio de Éfeso (431).

– **Albigenses:** Seita iniciada em França, no séc. XII, com uma rude oposição ao clero, contra o pagamento dos dízimos, condenava os religiosos que estivessem voltados mais às coisas materiais, pregava contra os sacramentos, combatiam o batismo das crianças, julgavam desnecessários os altares e imagens de santos, com destaque para Pedro de Bruys. O Concílio de Albi (1176) condenou esta seita.

– **Donatismo:** Crença de Donato (270-355), bispo da Numídia, que não atribuía nenhum valor aos sacramentos, tendo em vista a indignidade dos sacerdotes e bispos.

...

O Espiritismo demonstra a total verdade destes pensamentos. Inicialmente, relembra a mensagem do Cristo, no seu mais puro entendimento. No Prefácio de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, assinado por *O Espírito de Verdade*, no segundo parágrafo consta: *Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas hão de ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido...*

Todas as coisas, que deviam ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, devemos entender, sem dúvida, que são o Evangelho na sua mais simples moral, deixando de lado os aspectos cerimonial e ritualístico, que foram introduzidos pelos homens e não criados por Jesus. A missão de Jesus foi trazer e vivenciar as lições de amor, humildade, fraternidade, perdão e retribuir o mal com o Bem, e nunca trazer religião associada a sinais exteriores. Ele veio ensinar moral, não ritual. Imaginar que nos tornaríamos cristãos, através de uma cerimônia chamada Batismo, é desconhecer por completo o Evangelho.

A Doutrina Espírita explica que isto absolutamente não procede, ensinando que nos tornaremos cristãos somente se praticarmos a moral ensinada e repetida por Jesus, e não participando de qualquer cerimônia. Ele mesmo o diz (João,

14:15): *Se me amais, guardai meus mandamentos...*

Por isso também Ele, em outra ocasião, enfatizando o nosso livre-arbítrio, fala que, buscando, acharemos e, batendo, se nos será aberto (Mateus, 7:7 e seguintes), significando assim que temos um compromisso na ação e no trabalho, pois *a fé sem obras é morta*. (Tiago, 2:20.)

Como é comum acontecer, passados os anos e séculos, muitas dessas doutrinas tidas como heréticas incorporaram outros pontos doutrinários, que acabaram alterando as idéias iniciais, mas fica registrado o início destas lúcidas opiniões.

O Espiritismo, portanto, ratifica estas idéias primeiras, consideradas heréticas, e demonstra que elas traduziram a mais pura e simples verdade e, por isso, homenageamos estes grandes homens que souberam identificar nos primórdios do Cristianismo estes grandes erros religiosos, e quando nos referirmos a eles, que não sejam mais chamados de hereges ou heresiarcas, mas sim lúcidos pensadores...

Algumas das penas para os que defenderam suas opiniões, sendo considerados hereges:

– Em 285, foram mortos vários Priscillianos, por motivos de heresia, por ordem dos bispos;

– em 782, a rogo do Papa Estevam III, Carlos Magno descabeçou, num dia, cinco mil saxões em Verden, por recusarem o batismo. Pouco depois mandou queimar muitas pessoas que preferiam o canto ambrosiano ao gregoriano;

– em 1007, foram queimados vivos, em Orleans, muitos heréticos;

– em 1134, Peter de Brucys foi queimado vivo no Languedoc por ter negado o batismo das crianças e a transubstanciação;

– em 1155, Arnaldo de Brescia foi enforcado por ter professado a doutrina de que o clero não deve viver senão de dons voluntários;

– em 1160, os Valdenses, reformadores, muitos foram queimados vivos; cerca de três mil morreram em França, entre eles crianças de pouca idade;

– em 1209, os Albigenses, outros reformadores, que aderiram a uma forma de cristianismo menos corrupto, foram trucidados por heresia em Beziera;

– os judeus, nos reinados de Ricardo I, João e Henrique III, foram trucidados, torturados e, em 1290, foram expulsos da Inglaterra, tendo seus bens confiscados;

– em 1222, um sínodo fez queimar um herético em Oxford;

– em 1300, Sagarelli, fundador de uma seita análoga à dos modernos Shakers, foi queimado em Parma;

– em 1302, incineraram a monarquia de Dante. Ele mesmo, condenado à fogueira, fugiu e foi excomungado depois de sua morte.

(Somente alguns dos inúmeros fatos citados na obra de Susana Gay, da vida de Fletcher, e retirados do jornal O Mundo Oculto, Campinas (SP), nov./1907, p. 4.) ●

Com Carinho

Filha querida, por que envolveste o coração nessa tristeza amarga que punge e infelicita? Por que cerras os ouvidos de tua alma à voz do nosso afeto? Desconsideras assim o nosso amor?

Não sabes que o nosso jardim afetivo pede o orvalho salutar das tuas vibrações de alegria? Ah, se soubesses quantas bênçãos esperamos dos dias generosos e fecundos que ainda vives na Terra!

Liberta-te, filha, dos crepes da inconformação, das amarras do desânimo e das mágoas constrangedoras que indebitamente te perturbam. Abre os olhos à luz que te alumia, escuta o apelo silencioso das horas que a Divina Bondade ainda te concede, e deixa que as tuas riquezas sublimes se derramem sobre os que te cercam, através do pensamento construtivo, da palavra alentadora, da compreensão maternal, das saudades santas dos bens já vividos e das esperanças excelsas nas graças que virão.

Sê candeia de luz nas sombras do teu mundo, farol protetor nos mares da existência, fonte cristalina que dessedenta e reanima, lição amena ou corretivo eficaz na grande universidade dos destinos.

Desata, filha amada, o teu sorriso feliz, na ventura dos últimos tempos de tua abençoada estação de trabalho na oficina terrestre.

Crê, espera e age, transformando a tua dor em bálsamo e remédio, entendimento e confiança.

E guarda contigo, na alegria da paz e no calor do bom ânimo, o amor com que te amamos.

LETÍCIA

(Página psicografada por Hernani T. Sant'Anna, no Grupo Ismael da Federação Espírita Brasileira.) ●

A FEB e o Esperanto

Os Custos da Multiplicidade Lingüística¹

AFFONSO SOARES

Estudos conduzidos sob rigorosos critérios de sondagem, observação, comparação e avaliação têm demonstrado os tremendos prejuízos, de diversa natureza, causados à Humanidade pela multiplicidade das línguas usadas na vida internacional dos povos, problema que igualmente se caracteriza pela resistência à adoção de uma única língua para essas relações internacionais, uma língua que seja efetivamente apta, sob todos os aspectos, para o desempenho de tão grave função social.

Uma das partes mais eloqüentemente visíveis desse verdadeiro iceberg é a incapacidade de as grandes organizações mundiais superarem o sistema, dispendioso e pouco produtivo, das línguas oficiais e línguas de trabalho, como ocorre, por exemplo, na Onu, Unesco e União Européia, sempre agravado pela mal disfarçada e injusta saída do uso franco das línguas de nações poderosas.

Um dos mais recentes estudos sobre o problema foi realizado em 1990 por Grégoire Maertens, ex-presidente da Associação Universal de Esperanto, tomando por base os altos custos financeiros impostos pela multiplicidade de línguas nos 12 Estados-Membros da Comunidade Européia, bem como nos serviços de tradução e interpretação adotados nas diversas instâncias da União Européia, notadamente no Conselho Europeu de Ministros, na Comissão Européia, na Corte Européia e no Parlamento Europeu.

Maertens examinou a questão, considerando os seguintes aspectos:

- custos do ensino de línguas estrangeiras;
- custos de tradução e interpretação no comércio e na indústria;
- custos no turismo e nos veículos de comunicação (rádio, televisão, fax, telégrafo, telefone);
- custos de tradução e interpretação nas instâncias da União Européia.

Estabelecendo relações entre o número de estudantes na Bélgica, o custo do ensino de línguas estrangeiras para esses alunos e a totalidade de alunos na Comunidade Européia, chega-se ao investimento anual de aproximadamente 50 bilhões de unidades monetárias da Comunidade apenas para o ensino de línguas naquela coletividade multinacional.

No terreno das traduções e interpretações para as atividades ligadas às relações comerciais, o parâmetro foi o relatório japonês Jeida (Japan Electronic Industry Development Association), de 1989, por sua vez baseado no americano

Alpac (Automatic Language Processing Advisory Committee), segundo os quais o total de páginas traduzidas para atender às relações comerciais daquele país asiático atingiu a cifra anual de 240 milhões. Em proporção, a Comunidade Européia atinge 660 milhões de páginas. Como o custo de cada página na Comunidade é de 660 unidades monetárias, nele incluídas tradução, digitação, cópias, estocamento e arquivamento, basta multiplicar 60 por 660 milhões para se obter o custo total do problema lingüístico nas relações comerciais na Comunidade Européia, isto é, a cifra aproximada de 40 bilhões por ano.

Na área do turismo e das comunicações, os custos não são menos consideráveis, pois igualmente se assentam nas necessidades de tradução e interpretação. Além disso, há também prejuízos fora do terreno exclusivamente financeiro: a predominância das línguas mais poderosas impõe tratamento desigual a turistas em função de sua pertinência a grupos mais ou menos favorecidos do ponto de vista lingüístico. Apenas para exemplificar um prejuízo fora do campo financeiro na área das comunicações, destacamos a informação de que sistematicamente os países com língua não predominante são obrigados a alugar programas em língua inglesa, o que fez com que os produtores de filmes na Holanda praticamente renunciassem ao lançamento de filmes em língua holandesa. É fora de dúvida que isso prejudica a cultura em língua holandesa.

No campo dos encontros internacionais, absolutamente indispensáveis para viabilizar inter-câmbio cultural, científico, comercial, econômico, etc. o estudo toma como base o documento Jiu/Rep/80/7, da *Joint Inspection Unit*, em que foram avaliados os custos e o tempo empregado para se produzir, a partir de um texto em inglês com 25 páginas, traduções nas outras línguas de trabalho da ONU (árabe, chinês, francês, alemão, espanhol e russo). Em média, são necessários 100 dias, à razão de aproximadamente 665 unidades monetárias da Comunidade para as páginas nas outras 6 línguas, ou seja, por 1 página são gastas 100 unidades monetárias.

Finalmente, os cálculos para o custo da multiplicidade de línguas nas instâncias da União Européia apontam para as seguintes cifras:

<i>Instância</i>	<i>Parcela do orçamento</i>	<i>Unidades Monetárias</i>
Parlamento Europeu	37%	155 milhões
Comissão Européia	29%	369 milhões
Cons. Europeu de Ministros	49%	105 milhões
Corte Européia	58%	34 milhões
Outras Instâncias	—	33 milhões

Em média, portanto, a União Européia utilizou 34% do seu orçamento (= 696 milhões de unidades monetárias) para as despesas com tradução e

interpretação. Mas, em verdade – como concluiu G. Maertens – os custos são muitíssimo maiores, pois em seu estudo são abordadas apenas as instâncias como dotação orçamentária. Estima-se em 400 milhões de unidades monetárias o custo em outras instâncias, e ainda se deve somar o custo de 100 milhões resultante da perda de tempo que o uso das diversas línguas impõe à Organização. Com efeito, a despesa total dos custos do problema lingüístico na União Européia fica em torno de 1,2 bilhões de unidades monetárias.

São cifras assustadoras que vale a pena fixar para se ter a dimensão dos prejuízos que um preconceito pode causar a uma coletividade planetária, como o demonstrou um estudo honesto e bem fundamentado:

12 países da Comunidade Européia gastam por ano 90 bilhões de unidades monetárias para sustentar um sistema injusto de comunicação, e o Órgão que representa a Comunidade reflete essa injustiça empregando 1,2 bilhões em suas atividades internas e externas.

Convém não perder de vista que o estudo foi feito há dez anos, o que obviamente impõe uma correção, *para mais*, nas cifras acima mencionadas.

As organizações esperantistas do Velho Continente, principalmente as dos países-membros da Comunidade, agem incansavelmente junto às suas instâncias no sentido de conscientizarem representantes sobre a gravidade do problema e sobre o fato de que a solução, justa sob todos os pontos de vista, já existe. Mas, como ainda é praxe em nosso mundo, igualmente atrasado sob todos os pontos de vista, levantam-se barreiras até mesmo para o simples exame dessa solução, a exemplo do que ocorreu na extinta Liga das Nações e se estende à Organização das Nações Unidas e a todas as suas ramificações espalhadas pelo mundo.

Não têm sido outras as reações ao Esperanto: zombaria, indiferença, medo, repressão, sempre nascidas da ignorância, do preconceito, da inércia intelectual e moral, dos interesses e ambições egoísticas, entre tantos outros prejuízos do caráter humano. Mas não existem obstáculos inexpugnáveis à força do progresso que impulsiona as humanidades para a realização dos destinos a elas assinaladas pela Soberana Inteligência que governa o Universo. Os que a essa força se opõem são inevitavelmente levados de roldão. E o Esperanto, inquestionavelmente, significa progresso. ●

1 Resumo e adaptação do texto integral, publicado com o mesmo título no livro La Kostoj de la Eŝropa Lingva (NE-) Komunikado (Os custos da (não-) comunicação européia), edição de "Esperanto" Radikala Asocio – E. R. A., com apoio financeiro da Comunidade Européia. Os direitos para adaptação e resumo foram gentilmente cedidos por aquela Associação. A obra também pode ser encontrada em sua versão para o inglês e no original italiano, ao preço de 30.000 liras (=15,50 euros), nos seguintes endereços da E. R. A.: Via di Torre Argentina 76,00186 Roma, Itália, e pelo e-mail e.r.a@agora.it.

Para Além da Forma

HONÓRIO DE ABREU

Nada obstante as lutas que marcam a atualidade do mundo, vivemos momento promissor em face da soma de informações que nos é disponibilizada pela Doutrina Espírita, a nos indicar expressivos ângulos para uma melhor percepção da marcha evolucionar.

Edificando a fé raciocinada, constitui-se em preciosa cartilha, a propor uma nova vida, cuja consolidação começa no tempo presente, no espaço da própria alma, onde as sementes da renovação devem ser lançadas, cuidadas e irrigadas a cada dia, com o suor do trabalho digno e generoso e, às vezes, com as lágrimas dos próprios testemunhos.

Por sua natureza dinâmica, ajustada ao progresso científico e filosófico, o elenco de seus princípios fundamentais elege, não apenas uma revelação moderna, ampliando a visão da Humanidade. Oferece, também, plenas condições para um aprofundamento mais substancial nas palavras de Jesus, cuja essência renovadora emerge na pureza e simplicidade das origens. Com o seu surgimento consolida-se no orbe terráqueo Sua abençoada promessa, contida em João 14:26: “mas quando vier o Consolador, o Espírito Santo que o Senhor enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (grifo nosso).

O *Evangelho segundo o Espiritismo*, em seu primeiro capítulo, mostra o encadeamento dos ensinamentos que nos têm chegado nos séculos, formando um sistema cíclico a reger o mecanismo da aprendizagem. Constituem vasto painel de luz, em constante movimento de interação, eliminando, por isso mesmo, qualquer idéia de registros estanques ou superáveis, o que os tornariam passíveis de desaparecimento ou eliminação na esteira dos milênios.

Moisés e Jesus, como intérpretes do pensamento divino, nunca terão suas mensagens ultrapassadas, mas redimensionadas. Por sua natureza básica de fonte máter da revelação e de edifício de redenção das almas, continuarão a oferecer, em novas faixas de abordagem, suprimento aos que têm fome de saber e forças aos que se ajustam ao imperativo de servir.

Como pedra angular desse sistema, a mensagem do Cristo apresenta, em potencial, todos os elementos asseguradores da libertação, a emergirem gradativamente, para quantos vejam a Verdade, ali contida, como a base do aperfeiçoamento. O Consolador por Ele prometido não está destinado a substituí-LO. Afastada a idéia de simplesmente complementá-LO, veio, sim, estender parâmetros para que possamos entendê-LO melhor, trazendo-nos conhecimentos que só poderíamos adquirir com o tempo e sem os quais não O compreenderíamos.

A esse respeito, assim registra o Codificador, no item 28, do capítulo I, de *A Gênese*: “Completar o seu ensino deve entender-se no sentido de *explicar e desenvolver*, não no de juntar-lhe verdades novas, porque tudo nele se encontra em estado de gérmen, faltando-lhe só a chave para se apreender o sentido das palavras.”

Examinando os valores de ordem espiritual trazidos nos séculos, veremos que todos eles estão voltados para a formação educacional do ser, com suas etapas integradas, norteando os passos da Humanidade em sua caminhada ascensionar.

O conteúdo da Terceira Revelação, com a sua linguagem lógica, direta,

racional, sem figuras ou símbolos, atua vigorosamente como instrumento interpretativo dos textos, onde se localiza, para além da forma, vasta gama de ensinamentos, suscetíveis, ainda, de identificação, assimilação e fixação, revestidos da maior importância ao erguimento da genuína mentalidade cristã.

Com tal conquista recebe o ser os recursos capazes de auxiliá-lo a transpor a porta libertadora das faixas inferiores que ainda o prendem aos pisos mais densos da retaguarda, capaz de elevá-lo, nos fundamentos da humildade e do Amor, aos campos da cidadania universal, uma vez que só a Boa Nova, em seus escaninhos mais profundos, detém os germens da consciência cósmica.

Ainda na terceira obra da Codificação encontramos, implícitos nas afirmativas sábias e consoladoras dos Benfeitores, os elementos necessários à apuração do sentido intrínseco dos textos bíblicos, deixando à letra sua função específica de canalizadora dos fatos, a operar na pedagogia da alma como simples material didático.

Emmanuel, por sua vez, na extensão do “ensinar”, não se restringe em ampliar os horizontes do entendimento espírita. Veiculando “o fazer lembrar de tudo quanto vos tenho dito”, atua no plano interpretativo do Novo Testamento, ajudando-nos a compreender Jesus, redivivo, em plena atualidade, ofertando-nos amplos subsídios para a identificação do pensamento crístico, em sua essência sublimada.

Buscar o substrato do Evangelho é penetrar por dentro de si mesmo.

Identificando esse manancial inesgotável, abrem-se-nos férteis terrenos de aprendizagem e ação no Bem. Operando para além das notas que nos apontam o estudo e a caridade como fatores de salvação, as palavras do Mestre, percebidas “em espírito e verdade”, levam-nos a um grau mais apurado de sensibilização, capaz de nos guindar a novas concepções de vida em sua feição imortalista.

Pelo magnetismo realizador de que se revestem, a movimentar-se no plano impalpável das vibrações, a fluírem do coração, passa a criatura, segundo nos afixam os Amigos Espirituais, a projetar manifestações espontâneas de Amor, em cada lance da existência, habilitando-a a alcançar o piso da harmonia e da segurança, em natural harmonização com as forças que sustentam o equilíbrio do Universo. ●

Dagoberto da Costa Guimarães

Registramos a desencarnação, no dia 25 de novembro de 2000, do confrade cujo nome acima esta coluna. Espírita militante, com participação muito intensa no Movimento Espírita, era sócio efetivo da Federação Espírita Brasileira e membro do seu Conselho Superior. Crente de firme convicção, muito evangelizado, de caráter afável e conciliatório, tinha grande facilidade para tratar tanto com adultos como com jovens, os quais o consultavam freqüentemente sobre questões doutrinárias.

Dagoberto nasceu no Rio de Janeiro a 5-10-1920, no seio de família espírita, sendo seus pais Leopoldo de Oliveira Guimarães e Dona Aulicina da Costa Guimarães. Ingressou muito jovem ainda nas atividades espíritas e aos 18 anos já participava de trabalhos mediúnicos. Inicialmente, freqüentou, com sua família, o Centro Espírita Tupyara, que na época funcionava na Rua do Riachuelo.

Mais tarde freqüentou a Mocidade do Centro Espírita Bezerra de Menezes, na Rua Maia Lacerda no 155, no Estácio, ao qual se dedicou durante muito tempo, sendo até presidente do seu Conselho Consultivo.

Desde 1950, entretanto, começou a participar, juntamente com sua irmã Alba, das reuniões do Grupo Espírita Regeneração (Casa dos Benefícios) que, então, funcionava em sala cedida pela FEB em sua sede, passando mais tarde a ter sede própria. Foi para o Regeneração encaminhado pelo seu então presidente, Dr. Alcides de Castro. Tendo-se casado com a irmã do Dr. Alcides, Dona Ayr de Castro Guimarães, ali no Regeneração trabalhou por várias décadas, dirigindo suas reuniões mediúnicas. Foi seu vice-presidente durante muitos anos e, após a desencarnação do Dr. Alcides, passou à presidência, por ele exercida durante dois anos.

Muitos servidores dessa Casa ingressaram no Espiritismo e em atividades mediúnicas por suas mãos. Foi também co-autor da obra editada pelo Regeneração – *Dicionário de Doutrina Espírita*.

Foi ainda presidente do Conselho Deliberativo da SPLEB (Sociedade Pró-Livro-Espírita em Braille).

Dagoberto foi, como vemos, militante ativo em nossa Doutrina, pelo que, fazemos este registro com um sentimento de profundo afeto e muita saudade.

Deus lhe concederá na Espiritualidade, onde agora se encontra, paz e a felicidade que merece. ●

A Busca pela Natureza Intrínseca da Matéria

GUSTAVO HENRIQUE NOVAES RODRIGUES

A compreensão da natureza intrínseca da matéria que hoje desafia a Física Moderna preocupa a Humanidade desde a Grécia Antiga.

Aristóteles, que viveu por volta de 320 a.C., propunha uma visão do Universo onde toda a matéria existente seria composta de quatro elementos básicos – terra, ar, fogo e água –, atuando entre si através da ação de duas forças fundamentais: a gravidade e a leveza. Para Aristóteles, a matéria poderia ser dividida infinitamente, sem com isto perder as suas características.

Outro filósofo grego que se propôs a pensar a questão foi Demócrito, para quem a matéria seria formada de pequenos grânulos, átomos (indivisíveis), que possuíam as características do todo. Para ele, o átomo seria a menor partícula da matéria.

Esta discussão continuaria por muitos séculos sem nenhuma alteração significativa, até que, em 1803, o físico inglês John Dalton apontou para o fato de que os elementos atômicos, combinados em determinadas proporções, formavam as moléculas que eram o conjunto de átomos.

A partir desse momento tivemos uma avalanche de descobertas. Thomson descobriu o elétron em 1897 e ganhou o Prêmio Nobel em 1906 por sua descoberta; em 1911, Rutherford demonstra que o átomo é formado por um núcleo, de carga positiva, onde estão os prótons, e por uma eletrosfera, de carga negativa, onde vamos encontrar os elétrons; em 1932, foi a descoberta dos nêutrons; em 1969, com o uso dos aceleradores de partículas, ficou demonstrado que até os prótons e

os nêutrons podem ser quebrados em partículas menores, chamadas quarks. Vale neste momento ressaltar o ápice da criatividade dos físicos modernos ao definir que existem seis “sabores” de quarks, e cada “sabor” pode possuir três “cores”.

Além das partículas, os cientistas valem-se de quatro forças ou interações básicas para explicar a estrutura da matéria e suas propriedades. São elas: força gravitacional, força eletromagnética, força nuclear fraca e força nuclear forte.

Um dos grandes desafios dos físicos modernos é comprovar experimentalmente a Teoria do Campo Unificado, teoria que explica a relação entre estas interações, de forma semelhante ao que Maxwell fez com a eletricidade e o magnetismo.

Vamos agora analisar a questão 33 de *O Livro dos Espíritos*:

33. *A mesma matéria elementar é suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades?*

“Sim e é isso o que se deve entender, quando dizemos que tudo está em tudo!”¹

O oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e todos os corpos que consideramos simples são meras modificações de uma substância primitiva. Na impossibilidade em que ainda nos achamos de remontar, a não ser pelo pensamento, a esta matéria primária, esses corpos são para nós verdadeiros elementos e podemos, sem maiores conseqüências, tê-los como tais, até nova ordem.

A Física Moderna, após um século de evolução, parece concordar com a revelação dos Espíritos, uma vez que os elementos químicos são combinações de quarks (formando prótons e nêutrons) e elétrons. Dependendo da quantidade e da disposição destes elementos na combinação proposta, teremos elementos diferentes.

Ao final deste estudo, queremos realçar dois pontos que merecem uma atenção especial. Primeiro: muito ainda temos que caminhar para entender a natureza intrínseca da matéria, esta ferramenta de manifestação do Espírito que tanto contribui para o nosso crescimento. Segundo: os Espíritos que orientaram a Terceira Revelação estavam muito bem informados acerca destas questões, uma vez que após 100 anos de fabulosos avanços no campo da Física Moderna, a Revelação Espírita permanece atual, mesmo sobre as questões concernentes à matéria. ●

OBRAS CONSULTADAS:

O Livro dos Espíritos. Allan Kardec. Parte I, cap. II, 80. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1998, p. 62.

Uma Breve História do Tempo. Stephen W. Hawking. 14. ed., Rio de Janeiro: 1989. Editora Rocco.

Mecanismos da Mediunidade. Francisco Cândido Xavier / Waldo Vieira. Pelo Espírito André Luiz. 18. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2000.

Enciclopédia Brasileira Mérito.

Kardec, Obrigado!

Kardec, enquanto recibes as homenagens do mundo, pedimos vênia para associar nosso preito singelo de amor aos cânticos de reconhecimento que te exalçam a obra gigantesca nos domínios da libertação espiritual.

Não nos referimos aqui ao professor emérito que foste, mas ao discípulo de Jesus que possibilitou o levantamento das bases do Espiritismo Cristão, cuja estrutura desafia a passagem do tempo.

Falem outros dos títulos de cultura que te exornavam a personalidade, do prestígio que desfrutavas na esfera da inteligência, do brilho de tua presença nos fastos sociais, da glória que te ilustrava o nome, de vez que todas as referências à tua dignidade pessoal nunca dirão integralmente o exato valor de teus créditos humanos.

Reportar-nos-emos ao amigo fiel do Cristo e da Humanidade, em agradecimento pela coragem e abnegação com que te esqueceste para entregar ao mundo a mensagem da Espiritualidade Superior. E, rememorando o clima de inquietações e dificuldades, em que, a fim de reacender a luz do Evangelho, superaste injúria e sarcasmo, perseguição e calúnia, desejamos expressar-te o carinho e a gratidão de quantos edificaste para a fé na imortalidade e na sabedoria da vida.

O Senhor te engrandeça por todos aqueles que emancipaste das trevas e te faça bendito pelos que se renovaram perante o destino à força de teu verbo e de teu exemplo!...

Diante de ti, enfileiram-se, agradecidos e reverentes, os que arrebataste à loucura e ao suicídio com o facho da esperança; os que arrancaste ao labirinto da obsessão com o esclarecimento salvador; os pais desditosos que se viram atormentados por filhos insensíveis e delinqüentes, e os filhos agoniados que se encontraram na vala da frustração e do abandono pela irresponsabilidade dos pais em desequilíbrio e que foram reajustados por teus ensinamentos, em torno da reencarnação; os que renasceram em dolorosos conflitos da alma e se reconheceram, por isso, esmagados de angústia nas brenhas da provação, e os quais livraste da demência, apontando-lhes as vidas sucessivas; os que se acharam arrasados de pranto, tateando a lousa na procura dos entes queridos que a morte lhes furtou dos braços ansiosos, e aos quais abriste os horizontes da sobrevivência, insuflando-lhes renovação e paz, na contemplação do futuro; os que soergueste do chão pantanoso do tédio e do desalento, conferindo-lhes, de novo, o anseio de trabalhar e a alegria de viver; os que aprenderam contigo o perdão das ofensas e abençoaram, em prece, aqueles mesmos companheiros da Humanidade que lhes apunhalaram o espírito, a golpes de insulto e de ingratidão; os que te ouviram a palavra fraterna e aceitaram com humildade a injúria e a dor por instrumentos de redenção; e os que desencarnaram incompreendidos ou acusados sem crime, abraçando-te as páginas consoladoras que molharam com as próprias lágrimas...

Todos nós, os que levantaste do pó da inutilidade ou do fel do desencanto para as bênçãos da vida, estamos também diante de ti!... E, identificando-nos na condição dos teus mais apagados admiradores e como os últimos dos teus mais pobres amigos, comovidamente, em tua festa, nós te rogamos permissão para dizer: Kardec, obrigado!... Muito obrigado!... ●

IRMÃO X

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier.)

Fonte: Reformador de março/69.

Reflexões sobre o Adultério

DALVA SILVA SOUZA

Utilizamos a palavra adultério para designar a relação extraconjugal, mas Jesus a empregou num sentido mais geral, significando o mal ou o comportamento equivocado, como, por exemplo, na exclamação: “raça adúltera e pecadora!”. É interessante buscar pela análise um entendimento mais preciso das questões que se apresentam nas relações afetivas, sobretudo porque, nos dias atuais, têm sido muito freqüentes os casos em que se estabelecem ligações amorosas entre indivíduos, em cujas vidas já existe um comprometimento formal pelo casamento.

Adulterar significa falsificar, corromper e, com base nesse significado, poder-se-á dizer, então, que, ao estabelecer uma ligação afetiva e sexual com alguém, quando já existe um compromisso da mesma natureza com outra pessoa, o indivíduo está adotando um comportamento que gera alteração na qualidade da troca energética já instituída e ocasionando, na maior parte das vezes, um prejuízo que deverá ser reparado mais cedo ou mais tarde. Do ponto de vista do ensino de Jesus, não é preciso que se chegue à concretização do desejo pela realização do ato físico, para que ocorra o desequilíbrio energético, uma vez que afirmou ele: “aquele que houver olhado uma mulher, com mau desejo para com ela, já em seu coração cometeu adultério com ela”.*

Antes de outras considerações, precisamos aqui fazer a distinção entre as emoções que emergem ao contato com as outras individualidades no plano social, obedecendo aos impulsos provenientes dos arquivos perispirituais mais profundos, e os sentimentos que voluntariamente agasalhamos, por nos comprazermos ainda com as sensações físicas originárias da nossa identificação com a matéria. O que Jesus condena, até se realizado pelo pensamento, é esse último ato, porquanto não temos domínio sobre os automatismos emocionais que se enraízam no inconsciente.

Considerando essa distinção, o adultério poderia ser mais propriamente caracterizado como irradiação voluntariamente mantida em direção a alguém de vibrações nascidas dos sentimentos de lascívia e luxúria, mesmo que isso permaneça apenas no domínio do pensamento e não se torne ostensivo aos olhos alheios, nem se concretize por meio de palavras e atos. Entendendo assim, corrigiremos a ansiedade que pode acometer-nos pelo medo do pecado. Na perspectiva espírita, não se entende pecado como ofensa a Deus, mas com o sentido de equívoco, comportamento inadequado que provém da nossa inferioridade. Conhecendo a Lei de Causa e Efeito, sabemos que, se promovemos a desarmonia pela escolha errada que fazemos, assumimos a responsabilidade de reparação do erro pelo nosso próprio esforço.

Analisemos um caso dos múltiplos que a vida coloca ante nossos olhos: Elza (40 anos) estava vivendo um sofrimento acerbo. O companheiro, movido pela necessidade de melhorar a situação financeira, passou a viver em outra cidade. Longe da esposa, envolveu-se com outra mulher e, esquecendo o compromisso anteriormente assumido, casou-se novamente. Ao retornar, depois de algum tempo, trouxe a nova esposa. Elza desequilibrou-se completamente diante da situação, perdendo a alegria de viver e a motivação para trabalhar.

Ao colocar o nome de Elza na mesa de trabalhos mediúnicos, para irradiação em seu favor, um dos médiuns, com orientação dos mentores do trabalho, informou: “Vejo um triângulo amoroso que se forma. É uma questão já

vivida em outra encarnação, só que, no passado, foi Elza quem chegou depois, separando o casal. A situação voltou invertida. Ela vai precisar de coragem para suportar a fase difícil, mas poderá obter energias novas participando de trabalhos beneficentes. Percebo portas de ferro que precisam ser abertas. São enormes, escuras e pesadas. Vejo Elza sentada e encolhida, muito perturbada, ansiosa, acendendo um cigarro depois do outro. Sua aura está escura. Ela sofre muito, perdeu a auto-estima e a fé, sente-se incapaz de se levantar. Está vazia por dentro, sem vontade de viver. Há uma mancha escura na região do centro cardíaco. Muitos pensamentos sombrios povoam sua mente. Esse estado de espírito está atraindo entidades inferiores. É preciso orar muito, tomar passes e estudar o Evangelho.”

Na visão do médium, há portões de ferro que precisam ser abertos. Naturalmente é uma imagem simbólica. Vemos nesse símbolo os fatores culturais que nos têm impedido de alcançar um entendimento mais adequado da vida e uma manifestação amorosa mais plena.

Se acreditarmos que só há uma existência, fica muito difícil compreender os reveses que nos ocorrem. Além disso, há uma prática educacional equivocada em relação ao amor, gerando uma atitude exclusivista e egoísta na troca afetiva em nossa cultura. Não tenhamos dúvida quanto às dificuldades que se multiplicam para abriremos essas portas, a fim de alcançarmos concepções menos acanhadas que possam nos auxiliar a desenvolver o potencial de amor que trouxemos.

A Doutrina Espírita, ao nos ensinar o vínculo entre as diversas existências, mostra-nos a coerência e a justiça que presidem o mundo moral, por isso facilita a emersão do sentimento de resignação e tolerância, fornecendo-nos a chave de que precisamos. A questão é de tomada de consciência, para assumirmos plenamente a responsabilidade que nos cabe no processo de crescimento espiritual. É por acertos e erros que vamos evoluindo, mas o entendimento espírita pode possibilitar-nos um caminho com menos equívocos e, conseqüentemente, menos sofrimento. ●

* KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. VIII. 116. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1999. Traços Físicos e Morais de Kardec

Traços Físicos e Morais de Kardec

Anna Blackwell, que conheceu de perto Allan Kardec, cujas obras fundamentais traduziu para a língua inglesa, deixou para a posteridade essa página referente ao Codificador:

Allan Kardec era de estatura meã. Robusto, cabeça ampla, redonda, firme, com feições bem pronunciadas e olhos pardo-claros, mais parecia alemão que francês. Era ativo e tenaz, mas de temperamento calmo, precavido e realista até quase à frieza, céptico por natureza e por educação, argumentador lógico e preciso, e eminentemente prático em suas idéias e ações, distanciado assim do misticismo que do entusiasmo... Ponderado, lento no falar, sem afetação, com inegável dignidade, resultante da seriedade e da honestidade, traços distintivos de seu caráter. Sem procurar discussões nem a elas fugir, mas nunca provocando qualquer comentário a respeito do assunto a que consagrara sua vida, recebia amavelmente os numerosos visitantes que acorriam de todas as partes do mundo para conversar com ele a respeito das idéias de que era o mais autorizado expoente, respondendo às consultas e às objeções, resolvendo dificuldades, e dando informações a todos os investigadores sérios, com os quais falava franca e animadamente. Em algumas ocasiões apresentava fisionomia radiante, com um sorriso agradável e prazenteiro, se bem que, por causa da sobriedade do seu todo, jamais o viram rir.

Entre os milhares de visitantes, encontravam-se pessoas de alto nível no mundo social, literário, artístico e científico. O imperador Napoleão III, cujo interesse pelos fenômenos espíritas não era nenhum segredo, mandou chamá-lo várias vezes, e com ele manteve longas palestras, nas Tulherias, acerca das doutrinas expostas em *O Livro dos Espíritos*.

(Traduzido das págs. 169-70 de *The History of Spiritualism*, vol. II, da autoria de Arthur Conan Doyle.) ●

Fonte: Reformador de março/69.

A Imposição da Fé

ROBINSON SOARES PEREIRA

Em nenhum momento da história da Humanidade vimos manifestações tão diferenciadas e numa avalanche tão grande como agora se vê em questão de Fé.

São seitas, correntes filosóficas, doutrinárias, esotéricas, espiritualistas, autodenominando-se religiões “salvadoras”, na cata desenfreada de fiéis.

Muitas dessas correntes utilizam técnicas consagradas de *marketing*, auto-ajuda, conhecimento por alienação mental, com interesses nem sempre confessáveis. É o fazer prosélitos a qualquer custo. Conseguem, assim, incutir na mente dos freqüentadores que o único caminho que conduz a Deus é onde eles estão, em detrimento de todas as outras manifestações de fé, como se Jesus houvesse, quando da sua passagem entre nós, criado alguma religião. Propagam um Deus discriminatório, vingativo e diretamente interessado no “sucesso material” dos seus filhos. Seguem disseminando inverdades, modificam textos bíblicos, interpretando-os a seu modo. O pior disso é que conduzem multidões a equívocos exorbitantes em nome da Fé. São cegos conduzindo cegos. Vendem remissões, curas, equilíbrios materiais e espirituais, esquecendo-se da afirmativa de Jesus: “Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes.”¹ Se são portadores de algum dom, principalmente o da palavra, que tem a força do convencimento, deveriam pensar nessa passagem do Mestre Jesus com mais carinho.

Em realidade, utilizam esse momento de incertezas em que vive a Humanidade para comercializar a Fé. Aproveitam-se dos desequilíbrios materiais e espirituais de desesperançados, prometendo livrá-los da exploração do mundo, para depois explorá-los dentro das suas Instituições.

Muitos desses dirigentes conseguem colocar na mente dos seus “conduzidos” a necessidade de arregimentarem outros irmãos, pois é preciso aumentar o número dos que serão “convertidos” a contribuir, financeiramente, é claro, com a “obra de Deus”, tornando-se, muitos deles, extremamente inconvenientes no convívio social, querendo impor a sua crença aos outros.

Assistindo uma palestra em vídeo do Professor Luiz Almeida Marins Filho, consultor de várias empresas no Brasil e no Exterior, em determinado trecho no qual citava o crescimento das igrejas evangélicas, o renomado professor dizia que a grande massa da população necessita de alguém que lhe diga o que pode e o que não pode fazer: – “Se fizer tal coisa será reprimido” e assim por diante. São pessoas que gostam de ser conduzidas com pulso firme. Necessitam de direção severa.

É claro que o Espiritismo não compactua com tais correntes religiosas impositivas. Até porque, o Espiritismo prega o livre-arbítrio e o amplo direito de liberdade de cada um. Não subverte a consciência de ninguém. Como afirmava Kardec, a Doutrina Espírita “não se dirige aos que possuem uma fé e a quem essa Fé basta”.²

O que talvez nos esteja faltando é um pouco mais de entusiasmo no divulgar a nossa Doutrina. Preparar melhor os nossos oradores, com cursos específicos para uma boa oratória, qualificando aqueles que já tenham a boa vontade de divulgar a Doutrina Espírita. Não que seja esse trabalho destinado a arregimentar novos freqüentadores a todo custo, como fazem outros segmentos religiosos, mas a passar para os ouvintes o Espiritismo com alegria e vibração que ele requer daqueles que deveriam vivenciá-lo com a emoção dos verdadeiros

cristãos que seguiram a Jesus de perto. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1 KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo, cap XXVI, item 2, p. 363, 116. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1999.

2 Obras Póstumas, 1a Parte, 28. ed., p. 261, Rio de Janeiro: FEB, 1998.

A Parábola do Rico e Lázaro à Luz da Doutrina Espírita

JORGE CAMPOS

Os ensinamentos proferidos por parábolas constituíram-se na forma dialética utilizada pelo maior filósofo de todos os tempos, pois era através da figuração de diálogos e comparações, aparentemente singelos, que o Mestre infiltrava no âmago daquelas massas atrasadas as suas mensagens repletas de justiça, amor e espiritualidade. A maioria delas traz um fundo mais filosófico e moral, enquanto outras são sustentadas por argumentos fenomênicos e científicos, caracterizando os laços que unem o Cristianismo e o Espiritismo.

Neste artigo, tratar-se-á de uma dessas parábolas evangélicas, em que são narrados os passos desde a encarnação, morte e relações de além-túmulo de um rico “que se vestia de púrpura e Holanda e que todos os dias se banqueteara esplendidamente” e de um pobre mendigo, Lázaro, “todo coberto de chagas, que estava deitado em sua porta e que desejava fartar-se das migalhas que caíam da mesa, mas ninguém lhas dava”. O primeiro, representando os que estão submetidos à prova da posse e uso da riqueza, e o segundo, à expiação de faltas passadas, pela miséria e flagelo da doença.

Após a desencarnação de ambos, o Espírito do rico ao ver o de Lázaro numa posição elevada e iluminada, em contraste com a em que estava, rebaixada e de sombras, pediu que Abraão (simbolizando Deus) o mandasse amenizar seus sofrimentos, obtendo como resposta: “Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida e de que Lázaro não teve senão males, por isso está ele agora consolado e tu em tormentos” (...).

Sobre esta confrontação filosófica e moral, tem-se em *O Livro dos Espíritos* o questionamento nº 275 de Allan Kardec aos Espíritos Superiores, feito, em 1856, nas célebres reuniões da rua Rochechouart, casa do Sr. Baudin, ou da rua Tiquetonne, casa do Sr. Roustan:

“O poder e a consideração de que um homem gozou na Terra, lhe dão supremacia no mundo dos Espíritos?”

– Não; pois que os pequenos serão elevados e os grandes rebaixados. Lê os salmos.”

Ao que Kardec, reiterou na questão 275-a:

“Como devemos entender essa elevação e esse rebaixamento?”

– Não sabes que os Espíritos são de diferentes ordens, conforme seus méritos? Pois bem! O maior na Terra pertencer à última categoria entre os Espíritos, ao passo que o seu servo pode estar na primeira. Compreendes isto? Não disse Jesus: ‘aquele que se humilhar será exalçado e aquele que se exaltar será humilhado?’ ”

Em *Depois da Morte* (20. ed. FEB, p. 265), acentua Léon Denis: “Todos os homens, desde o mais altamente colocado até o mais miserável, são construídos da mesma argila. Revestidos de andrajos ou de suntuosos hábitos, os seus corpos são animados por Espíritos da mesma origem e todos reunir-se-ão na vida futura. Aí somente o valor moral é que os distingue. O que tiver sido grande na Terra pode tornar-se um dos últimos no espaço; o mendigo, talvez, aí, venha a revestir uma brilhante roupagem.”

Continuando o diálogo, Abraão descarta qualquer possibilidade daquele

encontro pleiteado pelo rico, assim dizendo: “E demais, que entre nós e vós, está firmado um grande abismo, de maneira que os que querem passar daqui para vós não podem, nem os de lá passar para cá” (...).

A questão 279 de *O Livro dos Espíritos* vai mais adiante, completando a explicação:

Todos os Espíritos têm reciprocamente acesso aos diferentes grupos ou sociedades que eles formam?

“Os bons vão a toda parte e assim deve ser, para que possam influir sobre os maus. As regiões, porém, que os bons habitam estão interditas aos Espíritos imperfeitos, a fim de que não as perturbem com suas paixões inferiores.”

Na página 51 de *No Invisível* (17. ed. FEB), resume Léon Denis: “O grau de pureza de sua forma fluídica atesta a riqueza ou a indigência da alma. Etérea, radiosa, pode elevar-se até as esferas divinas, penetrar-se das mais sublimes harmonias; opaca, tenebrosa, precipita-se nas regiões inferiores e nos arrasta aos mundos de luta e sofrimento.”

Aí, tem-se o enunciado de um princípio científico, em que os Espíritos, nas diversas classes, estão separados, de acordo com o progresso intelectual e moral alcançado nas inúmeras transmigrações pelas casas carnais e erráticas, por diferentes níveis de vibrações energéticas.

Essas “moradas” vão desde as contidas em baixas até as de altas frequências, estas mais luminescentes, depuradas e afastadas das superfícies planetárias, onde se situam as outras. Assim, para determinada camada, convergem os que se afinam não só pelos caracteres psíquicos, mas também pela densidade de perispírito. Existe, dessa forma, um impedimento “material” e espiritual para que os ocupantes dos níveis inferiores possam chegar pela sua livre vontade em níveis mais altos, o que não ocorre com os mais elevados, capazes de manipular os fluidos e moldar seu perispírito com materiais extraídos das atmosferas mais densas, sendo-lhes permitido cumprir missões de resgate e esclarecimento junto aos mais imperfeitos.

Diante daquela negativa, o rico apela, então, para que Lázaro seja enviado para atestar, junto a seus irmãos encarnados, o que estava ocorrendo e assim preveni-los quanto ao futuro, além da morte. Abraão explicou que eles lá tinham Moisés e os Profetas e que os ouvissem (referindo-se ao estudo das escrituras e às comunicações dos oráculos), ao que o outro mais uma vez reclamou: “Não, pai Abraão, mas se for a eles algum dos mortos, não de fazer penitência” (...).

Pelo teor desse trecho, constata-se que os judeus daquela época já concebiam a ação dos “mortos” em sua vida, senão Jesus não teria formulado essa passagem. As parábolas eram figurativas, mas não contos fantasiosos e inúteis, pois retinham ensinamentos racionais destinados a acelerar, pelo testemunho da verdade, o progresso espiritual daquele povo. Nesta parte do diálogo, é clara a referência às manifestações mediúnicas descritas nos livros *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas* (trad. Cairbar Schutel, 6. ed. *O Clarim*) e *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec nos quais estão classificadas, generalizadamente, em físicas e inteligentes; espontâneas e provocadas; subdivididas nos tipos: sematologia, tiptologia, voz e escrita direta, psicofonia, psicografia, aparições, materializações, etc.

É sempre bom lembrar que eles também já tinham, nas escrituras, citações de fatos mediúnicos, tais como:

- a aparição do Senhor e três homens, ao vidente Abraão (*Gênesis*, 18:1-2);
- a decifração dos sonhos do rei, por José (*Gênesis*, 41:16-32);

- a predição do Espírito de Samuel a Saul, pela pitonisa de Endor (I Samuel, 28:7-20);
- o aviso pela mão materializada, no banquete do Rei Belshazzar (Daniel, 5:5-6);
- a convivência de Tobias com um anjo (agênera) (Tobias, 12:1-20); e
- as visões dos profetas hebreus, inúmeras vezes citadas.

Apenas como detalhe, verifica-se que nas edições revisadas da Bíblia, devido à força da difusão da Doutrina Espírita, a palavra “pitonisa”, da citação acima, já está substituída por “médium”, empregada pela primeira vez por Kardec, na Codificação.

Concluindo o diálogo, e a mensagem da parábola, Abraão respondeu: “Se eles não dão ouvidos a Moisés e os Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite algum dos mortos. (Lucas, 16:19-31.)

Na *Revista Espírita* de outubro de 1859 (tradução de Julio Abreu Filho, Edicel, p. 284), o Mestre de Lyon, referindo-se aos fenômenos relatados como miraculosos pelo Clero, usa mais uma vez o bom senso e o critério racional do seu método, para dizer: “Certamente não podemos afirmar que o fato ocorreu, pois não temos a sua prova material; mas para nós ele é possível, desde que milhares de fatos análogos recentes são do nosso conhecimento; cremos neles não só porque sua realidade é constatada por nós, mas sobretudo porque nos damos conta perfeitamente da maneira por que se produzem.” E na mesma publicação, de janeiro de 1864, comentando sobre uma passagem tirada de Santo Atanásio, um dos Pais da Igreja Grega, em que o pensamento espírita é claramente exposto, diz: “Com as idéias esparsas, contidas na Bíblia, nos Evangelhos, nos Apóstolos e nos Pais da Igreja, sem falar dos escritores profanos, pode constituir-se toda a doutrina espírita moderna.” E mais à frente enfatiza: “O que faz os incrédulos é precisamente porque a religião colocou-se fora do movimento científico e progressivo.”

Esse mesmo panorama pode ser visto na primeira metade do século XX, conforme a crítica do Filósofo de Tours em *No Invisível* (idem, ibidem, p. 386): “O profetismo em Israel, durante vinte consecutivos séculos, é um dos fenômenos transcendentais mais notáveis da História (...). A exegese católica desnaturou o fato, imaginando explicar tudo com uma só palavra: o milagre. (...) Assim neste ponto, como em tantos outros, a Ciência e a Religião, isoladas, não podem ministrar mais que incompletas noções; só a Doutrina Espírita, que serve de traço de união entre uma e outra, as pode conciliar.”

Esta relutância em aceitar e tentar compreender os fatos espíritas, pelo estudo perseverante, sério e isento de prevenções, como recomendado em *O Livro dos Espíritos* (Introdução, VIII), ainda persiste nos dias atuais apesar da sua penetração e constatação em todas as classes sociais, meios acadêmicos e religiosos. Ou seja, continuam esbarrando no materialismo, ideológico e mundano, e no dogmatismo dos profítes da fé irracional.

Para concluir, nunca é demais voltar a ressaltar as conseqüências morais desta parábola evangélica e mais uma vez invocar a sabedoria do nosso Mestre Jesus, deixando lições que, se bem aprendidas, nos poupariam muitos dissabores, nesta e nas próximas vidas: “Não queirais entesourar para vós tesouros na Terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e onde os ladrões os desenterram e roubam. Mas entesourai para vós tesouros no céu, onde não os consomem a ferrugem nem a traça, e onde os ladrões não os desenterram nem roubam. Porque onde está o vosso tesouro, aí está também o vosso coração.” (Mateus, 6: 19-21.) ●

ENCOESP – 1º Encontro Espírita

A União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE) realizou, com o apoio e participação de outras 25 Instituições Espíritas, de 19 a 21 de janeiro passado, no Palácio de Convenções do Anhembi, São Paulo, o ENCOESP – 1º Encontro Espírita.

A Solenidade de Abertura, no Grande Auditório, para cerca de 4.000 pessoas, ocorreu na noite de 19 de janeiro, com eloqüente conferência de Divaldo Pereira Franco. Compuseram a Mesa, dirigida pelo Presidente da USE, Atílio Campanini, que fez a saudação inicial: o Secretário-Geral do Conselho Espírita Internacional, Nestor João Masotti, o representante da Federação Espírita Brasileira, Altivo Ferreira, e o Deputado Estadual Alberto Calvo, que também saudaram o público presente; e representantes das Instituições Espíritas participantes do evento.

Os trabalhos desenvolveram-se nos dias 20 e 21, simultaneamente em 5 salas e 2 auditórios, com vasto e variado temário, que enfocou a Doutrina Espírita em seus aspectos científico, filosófico e religioso, através de palestras, seminário e relatos de experiências, além de apresentações artísticas e outras atividades. No encerramento, houve um Encontro Ecumênico com vários líderes religiosos.

O programa incluiu Exposições de fotos, estampas, quadros e documentos históricos do Movimento Espírita.

Foi instalada no recinto grande Feira do Livro Espírita, com a participação da Associação das Distribuidoras e Editoras do Livro Espírita (ADELER) e cerca de 20 Editoras. ●

Seara Espírita

R. G. do Sul: Sociedades Espíritas Centenárias

Recebemos da Federação Espírita do Rio Grande do Sul a informação sobre as seguintes Sociedades Espíritas daquele Estado que completaram 100 anos no século XX ou os completarão em dezembro de 2001: *Sociedade Espírita Kardecista* (antiga Sociedade Espírita Riograndense), fundada na cidade de Rio Grande em 29 de maio de 1887; *Sociedade Espírita Allan Kardec*, fundada em Porto Alegre em 13 de julho de 1894; *Instituto Espírita Alfredo Silveira Dias*, fundado em Porto Alegre em 25 de dezembro de 1901; e *Sociedade União e Instrução Espírita*, fundada em Pelotas em 29 de dezembro de 1901.

Reiteramos o pedido às Federativas para que nos informem sobre as Instituições Espíritas centenárias de seus Estados.

Brasília: Culto Ecumênico na Presidência da República

Realizou-se no Auditório da Presidência da República – Palácio do Planalto –, às 9 horas do dia 10 de dezembro de 2000, um Culto Ecumênico, organizado pelo Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, dirigido pelo Ministro-Chefe Alberto Cardoso. A solenidade foi presidida por Enaildo Viana, da Legião da Boa Vontade, participando, pelos espíritas, o Ministro Alberto Cardoso e Ariston Santana Teles; o Capelão do Ministério da Defesa, Padre Agostinho Petry; o Secretário-Geral do Conselho de Pastores do Distrito Federal, Reverendo Ruy José de Moraes Barbosa. (F. E.)

Colômbia: Roteiro de Divaldo Franco

No mês de janeiro passado, Divaldo Pereira Franco realizou o seguinte roteiro de conferências e seminários na Colômbia: nos dias 4 e 5, em Barranquilla, conferência, programa de televisão e seminário; nos dias 6 e 7, conferência e seminário em Cartagena; nos dias 8 e 9, conferência e seminário em Bogotá.

Roraima: Encontro com Umberto Ferreira

A Federação Espírita Roraimense proporcionou aos espíritas daquele Estado um Encontro com Umberto Ferreira, médico e expositor espírita goiano, no dia 10 de dezembro de 2000, com o seguinte programa: pela manhã – Seminário sobre Mediunidade; à tarde – Seminário sobre Família; à noite – Palestra pública com o tema *O Espiritismo na Visão do Mundo*.

Europa Oriental: Divulgação do Espiritismo

O confrade Clóvis Alves Pontes, de Ipatinga (MG), que há vários anos vem desenvolvendo meritório trabalho de divulgação do Espiritismo, através do Esperanto, nos países da Europa Oriental, em outubro de 2000 realizou uma viagem à República Tcheca, Rússia e Lituânia, para contatos com simpatizantes do espiritualismo, usando o Esperanto como língua-ponte, com vistas a futuras traduções e publicações de obras de Allan Kardec nas línguas de cada país. Visitou Praga, capital da República Tcheca; Moscou (Rússia); Vilnius, Kaunas, Klaipeda e Shiauliai, na Lituânia. Neste país, distribuiu mais de 600 exemplares do opúsculo *O Espiritismo em sua mais simples expressão*, de Allan Kardec, traduzido ao lituano com o título *Praprastazis Spiritizmas*. Em todos os países visitados foram distribuídos os folhetos da Campanha de Divulgação do Espiritismo – *Conheça o Espiritismo e Divulgue o Espiritismo*.

Bahia: Trabalhadores Espíritas

Promovido pela Federação Espírita do Estado da Bahia, realizou-se em Salvador, de 8 a 10 de dezembro passado, o Encontro Estadual de Trabalhadores Espíritas, destinado a trabalhadores dos Centros Espíritas, iniciantes e simpatizantes do Espiritismo. Foram estudados, em duas oficinas, entre outros assuntos, Administração do Centro Espírita, Comunicação e Liderança, Atendimento Fraternal, Como desenvolver a Arte Espírita, Qualidade na Prática Mediúnica e Programação e Organização de Reuniões Doutrinárias.

Portugal: Palestras e Seminários

A convite da Associação Espírita Caminheiros da Luz, do Porto, e da Associação Espírita Maria de Nazaré, de Águeda, o expositor espírita Sérgio Thiesen realizou, de 22 de fevereiro a 8 de março corrente, uma série de palestras e seminários no Porto, em Coimbra, Águeda, Bragança e Aveiro.



REFORMADOR

PEDIDO DE ASSINATURA:

ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO:

Nome

Endereço

Bairro CEP

Cidade Estado

País Tel.:

* Se você deseja oferecer uma assinatura de presente a alguém preencha o quadro acima com os dados do presenteado e o quadro abaixo com seus dados.

Para cobrança: Nome

Endereço

Bairro..... CEP

Cidade Estado

País Tel.:

NOTA: O pedido de assinatura deve vir acompanhado do comprovante do pagamento da assinatura anual, no valor de R\$ 24,00.

O pagamento pode ser feito através de cheque nominal à Federação Espírita Brasileira, ou de ordem de pagamento, vale postal ou depósito na conta 9062-X — Agência 0265-8, do Banco do Brasil (enviando-nos o comprovante).

SEJA SÓCIO DA FEB

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA é instituição sem fins lucrativos, de caráter nacional, dedicada ao estudo e difusão da Doutrina Espírita, por sua divulgação e apoio ao Movimento Espírita nacional e internacional.

Associe-se à Instituição, como sócio contribuinte, colaborando para a tarefa a que se propõe realizar na causa do bem e na prática da caridade. Basta preencher este cupom e colocá-lo no correio; não precisa selar. A cada trimestre você decide o valor de sua contribuição. Indique a seguir o valor para o trimestre inicial: **R\$.....** *

Nome

Endereço..... CEP

Município..... Estado..... País.....

Tel.: ()..... Celular ()..... Fax

E-Mail Identidade..... CPF

Assinatura

* Valor mínimo trimestral de R\$ 15,00. Aguarde as boletas e instruções para pagamento.

Obrigado.